

Memorial Acadêmico

Claudia Wasserman

Memorial apresentado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como parte dos requisitos para promoção ao cargo de Professor Titular do Departamento de História

Porto Alegre . Março de 2015

Sumário

Introdução ou estado atual da carreira	3
Capacitação e formação acadêmica	7
Atividades de pesquisa e publicações	17
Atividades de ensino e material didático	40
Formação de quadros profissionais	46
Gerenciamento de projetos, trabalhos técnicos e participação em eventos	51
Atividades acadêmico-administrativas	54
Avaliação da área	58
Notas	60
Bibliografia	61

(recuso) obrigar-me a olhar para mim de uma forma inusitada, a considerar-me de alguma forma como um objeto da história, e embarcar em confidências que devem, à primeira vista, parecer sinais de autossatisfação e de vaidade... Confesso ter dúvidas sobre se este relato, muito pessoal e de interesse duvidoso para o leitor, realmente chega ao cerne da questão.

Fernand Braudel, 1972, p. 44

Introdução ou estado atual da carreira

O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes, a vida presente.

Carlos Drummond de Andrade

Convicta de que o historiador faz uma narrativa do passado a partir das preocupações do presente, me permito mencionar a situação em que me encontro no momento da escrita desse Memorial, antes de iniciar uma narrativa sobre a minha trajetória acadêmica e profissional pregressa. Menciono aqui as redes das quais faço parte ou coordeno, as principais revistas internacionais onde publiquei recentemente, capítulos de livros estrangeiros, atividades de docência, de orientação e atividades acadêmico-administrativas principais.

1. Coordenação de convênios internacionais:

- Projeto CAPES/MERCOSUL (2011-2015) – Redes intelectuais e espaços de fronteira: ultrapassando o âmbito do Estado nacional – um convênio entre a UFRGS, UDELAR, UNCUIYO, UNMDP, UFSM que já mobilizou quatro estágios de pós-doutorados do exterior na UFRGS supervisionados por mim, um estágio de pós-doutorado da UFRGS no exterior, dois doutorados-sanduíches, quatro mestrados-sanduíches, doze missões de trabalho, elaboração de um portal do grupo, publicação de dois dossiês em revistas nacionais e internacionais, organização de quatro eventos internacionais, elaboração de site do grupo em www.etopias.com.ar;

- Projeto Memoria y Sociedad (2012-2015) – Memoria y Sociedad. Las políticas de reparación y memoria y los procesos sociales en la construcción de la memoria pública contemporánea en Europa y América. Conflicto, representación y gestión – um convênio financiado pelo Ministério de Ciência e Tecnologia da Cataluña que iniciou com uma dupla diplomação de uma orientanda minha (UFRGS-Universidad de Barcelona), envolve pesquisadores de todos os continentes, desenvolve o projeto de um dicionário sobre memória social, promoveu três eventos internacionais, reuniões de trabalho em diversos países, organização de dossiê em periódico nacional; elaboração de um portal do grupo no Research Gate (https://www.researchgate.net/project/Memoria_y_Sociedad) e no Orbis Mundi da Universidad de Barcelona;

- Projeto HEDLA (2014) – Núcleo de História Econômica da Dependência Latino-americana, coordenado pelo professor Mathias Seibel Luce e que pretende estudar a História do capitalismo dependente e suas interfaces com o pensamento crítico latino-americano. Conta com uma rede de pesquisadores do Brasil e da América Latina, tem sede no ILEA/UFRGS e realiza seminários, cursos de extensão, preservação dos acervos dos principais teóricos da dependência, além de investigações organizadas em torno de três linhas de pesquisa. <http://www.ufrgs.br/hedla/pesquisadores-3/>

2. Publicações internacionais:

PERIÓDICOS

- Cuadernos del Cilha (Argentina)
- Pacarina del Sur (Peru)
- Revista Universun (Chile)
- Cuadernos sobre Relaciones Internacionales, Regionalismo y Desarrollo. (Colômbia)
- Otra mirada de Clio (México)
- Estudios Interdisciplinarios de América Latina (Israel)
- Cahier de Amérique Latine (França)

CAPÍTULOS DE LIVRO

- A Revista Brasiliense e os debates da esquerda brasileira entre 1950 e 1960.” In: Regina Crespo. (Org.). (México)
- Intelectuales y la cuestión nacional: cinco tesis respecto a la constitución de la nación en América Latina.” In: Antonio Escobar Ohmestede; Romana Falcón Vega, Raymond Buve. (Org.) (México)
- Capítulo sobre Movimentos Sociais na América Latina a ser publicado pela Palgrave Macmillan, organizado por Stefan Berger (Grã-Bretanha)

3. Atividades de ensino e orientação

- História da América II (graduação);
- História da América III (graduação);
- Seminários de Mestrado e Doutorado;
- Orientação de 10 alunos de Mestrado e Doutorado;
- Orientação de 2 alunos de IC;
- Orientação de 4 pós-doutorado.

4. Atividades acadêmico-administrativas e de avaliação

- Coordenação adjunta da área de história da CAPES;
- Presidente da Câmara de Pós-Graduação da UFRGS desde maio de 2014;
- Representante da Câmara de Pós-Graduação no CEPE desde maio de 2014;
- Representante da Câmara de Pós-Graduação no CONSUN desde maio de 2014;
- Membro da Comissão de Diretrizes do CEPE desde maio de 2014.

Sendo o trajeto muito mais interessante do que o ponto de chegada, procuro esboçar aqui aspectos pontuais dessa caminhada profissional.

O texto que se segue é a tentativa de contar uma versão da minha trajetória. Procurar estabelecer um discurso lógico, simultaneamente, retrospectivo e prospectivo de minha vida profissional, pode sugerir a pretensão de atribuir a minha carreira uma consistência e uma constância que determinaram a chegada a este ponto. Contudo, longe de me deixar apreender na armadilha de uma “ilusão biográfica” (Bourdieu: 1986, 69-72), tenho consciência de que nada foi preconcebido nesse sentido.

O percurso não foi planejado e organizado com antecedência e as escolhas que eu fui fazendo ao longo de minha vida profissional não estiveram condicionadas pela ideia de que eu precisava chegar ao final tendo oferecido uma contribuição substantiva ao conhecimento histórico de uma determinada área.

Logo, as escolhas foram muitas vezes aleatórias relacionadas com diversos fatores, tais como, militância política, necessidades financeiras conjunturais, influências recebidas e também pelas oportunidades de trabalho que foram aparecendo, por coisas que eu achei interessante fazer, mas que nem sempre estiveram ligadas ao meu foco de interesse: América Latina e América Latina contemporânea. Por isso, devo dizer, não foi de forma imediata que eu consegui ver a América Latina como um todo¹.

As preocupações com o contexto latino-americano começaram em função das condições políticas dos países do subcontinente, desdobraram-se para a pesquisa histórica e, posteriormente, para o ensino de história da América Latina contemporânea, o que acabou resultando em uma plena realização profissional. Ao mesmo tempo, a possibilidade de participar de um Programa de Pós-Graduação me permite contribuir na formação de jovens profissionais da área de história que se interessam pelos estudos latino-americanos.

Além disso, devo dizer que as atividades administrativas proporcionam-me uma visão mais geral e consistente da Universidade e a possibilidade de participar na sua construção como instituição capaz de produzir, difundir e democratizar o conhecimento. Finalmente, minhas mais recentes atividades na coordenação adjunta da área de história da CAPES aproximam-me das políticas públicas de avaliação e distribuição dos recursos para a educação superior como um todo e permitem-me conhecer a área, seus avanços e potencialidades, suas deficiências e dificuldades, o que faz que me sinta capaz de influir no futuro da área de história no nosso país.

Sendo assim, ainda que essa trajetória não tenha sido previamente concebida, creio-me capaz de reconstruir mentalmente esse percurso, submetê-lo à crítica dos pares e assim compreender qual a identidade profissional que foi sendo edificada, mesmo – eu reitero – sem um plano pré-definido.

Para permitir uma narrativa coerente e compreensível, vou dividir a minha trajetória entre as atividades que considero as mais significativas e que mais contribuíram para ser quem eu sou hoje: capacitação e formação acadêmica, atividades de pesquisa e publicações, atividades de ensino e material didático, atividades de formação de quadros profissionais, gerenciamento de projetos e participação em eventos, atividades acadêmico-administrativas e atividades de avaliação da área.

Capacitação e formação acadêmica

*Quando escrevem as suas autobiografias os historiadores se de-
frontam com os paradoxos de seu trabalho, desrespeitando nesse
gênero muitas regras do ofício que ensinam aos seus alunos.*

Jaume Aurell

Heterodoxia e marxismo talvez sejam as palavras que melhor resumem o meu percurso no que diz respeito ao processo de capacitação e formação. Os professores da escola secundária tiveram influência marcante na gênese desse percurso. Voltaire Schiling e Solon Viola foram os professores que me levaram a escolher a faculdade de história. O primeiro um erudito, respeitável, leitor voraz, um intelectual tipicamente “encastelado na sua torre de marfim”. Não por acaso, foi acometido do que muitos chamaram de “viragem ideológica” (uma conclusão que consigo chegar depois de estudar os intelectuais e compreender a atuação dos mesmos na transição à democracia etc.). Solon Viola, por outro lado, tinha preocupações políticas mais explícitas e também um gosto pelos aspectos teóricos da disciplina que me permitiam extrapolar o conteúdo e me faziam pensar no presente como espaço de transformação e no futuro como lugar de expectativas positivas. Quero dizer com isso que embora o professor “mais erudito” também tivesse preocupações teóricas e sua leitura da história estivesse informada pela crítica social, eu não conseguia perceber isso claramente. Solon Viola explicitava seu posicionamento político, teórico e discutia questões sociológicas com uma turma de Segundo Grau, atualmente Ensino Médio.

Curiosamente, e como fruto das diferenças de oportunidades entre a minha geração e a época de formação profissional dos meus professores do Ensino Médio eu fui, posteriormente, responsável pelo retorno de Voltaire à Universidade, onde ele se formou em História e foi meu aluno; e me tornei doutora em História mais de 10 anos antes de Solon Viola. Ambos os professores do Segundo Grau eram estimulantes, mas muito diferentes, contribuindo para o ecletismo de minha formação intelectual.

Na faculdade tive diversos professores, muito diferentes entre si. O marxismo era a tônica. Meus professores, ainda que em ambiente adverso, marcado pela ditadura – e, talvez, por isso mesmo – eram majoritariamente marxistas. Discutíamos as relações sociais, a luta de classes, os modos de produção e, predominantemente, a transição do feudalismo para o capitalismo.

Meus professores fizeram parte de uma geração que lia e discutia “O Capital”. Os grupos de leitura marxista, sobretudo de “O Capital”, estavam disseminados no mundo todo. Fui herdeira direta dessa geração e durante o meu curso de Licenciatura em História formamos um grupo de leitura da obra máxima de Karl Marx que funcionava todos os sábados pela manhã na minha casa, no bairro Floresta. O grupo era formado por três estudantes de economia (Carlos Henrique Horn – hoje docente da Faculdade de Economia da UFRGS, ex-presidente do BNDES; Ário Zimmerman – atualmente professor da Faculdade de Economia da UFRGS e Pró-reitor de Planejamento da UFRGS; e Achyles Barcelos da Costa – hoje professor do Programa de Pós-Graduação em Economia da UFRGS); uma estudante de psicologia (Sandra Jovchelovitch – atualmente docente do Departamento de Psicologia da London School of Economics (LSE), Londres, Inglaterra); uma estudante de Ciências Sociais (Ana Backes – atualmente assessora parlamentar na Câmara de Deputados, em Brasília); e eu, uma estudante de história na UFRGS. A experiência de um debate interdisciplinar a partir do marxismo foi incrível e definitiva para este pequeno grupo, marcou toda a nossa formação intelectual.

A existência de professores ditos “positivistas” foi igualmente importante na minha formação, de um lado por me permitir compreender a diferença entre a história crítica e a meramente descritiva, mas também porque tive uma formação relativamente enciclopédica em alguns temas que me ajudaram muito posteriormente.

Meus professores eram quase todos graduados, especialistas ou mestres. Apenas duas professoras eram doutoras em História no período da minha graduação: Helga Iracema Langgraf Piccolo e Silvia Regina Ferraz Petersen. Todos os demais estavam concluindo os seus cursos de Doutorado enquanto eu já ingressara no Mestrado, o que significou muito, pois era toda uma geração que se titulava e compartilhava com os alunos as suas descobertas de pesquisa, metodologias, novidades teóricas etc.

Concluí a graduação em 1981 com o título de Licenciada em História (**Anexo 1**) e fui lecionar. Em 1984, voltei à UFRGS para fazer um curso de “Especialização em História da América Latina” (**Anexo 2**). A especialização me permitiu aprofundar os conhecimentos de história latino-americana, pois todas as disciplinas durante aquele ano eram voltadas para debates sobre a região. Os professores da especialização eram os mesmos da graduação, mas procuravam aprofundar os debates teóricos acerca deste tema. A novidade foi a professora Céli Regina Jardim Pinto, que voltava do Doutorado em Essex, tivera como orientador o argentino Ernesto Laclau e, apesar de ater-se aos conteúdos e bibliografias da disciplina – História Econômica da América Latina – nos apresentou toda uma discussão acerca de análise de discurso e sobre um novo olhar para os aspectos subjetivos e de representação da história que tiveram grande impacto na minha formação.

Ingressei na primeira turma do Mestrado em História da UFRGS em 1986, classificando-me em primeiro lugar, quando o projeto do programa que se iniciava tinha o nome de “Mestrado em História Latino-americana”. Em 1990, recebi o título de “Mestre em História” (**Anexo 3**), porque a CAPES avaliou que o grupo de docentes que compunha o novo programa não tinha uma produção intelectual ou pesquisas em história latino-americana que justificasse o subtítulo pretendido. Terceira aluna a defender a dissertação no Programa, meu trabalho teve como particularidade, até aquele momento inédita, não abordar o Brasil, o Rio Grande do Sul ou um país da região platina. A Revolução Mexicana foi o tema central da dissertação (**Anexo 4**). Mas, porque o México? O percurso de uma carreira de pesquisa histórica, a escolha dos temas e os enfoques propostos, também podem ajudar a explicar as preocupações de toda uma geração, suas expectativas de futuro e suas experiências mais impactantes.

Nos dois últimos anos do Segundo Grau (1977-1978) e durante toda a graduação (1979-1981), estive envolvida na resistência e luta contra a ditadura brasileira. Em 1979, fui designada como representante (delegada) do curso de História da UFRGS no Congresso de reabertura da União Nacional dos Estudantes (UNE), em Salvador. Viajei de ônibus de linha os cinco mil km que separam a capital gaúcha da capital baiana, juntamente com colegas de outros cursos que mais tarde seriam dirigentes do Partido dos Trabalhadores (PT) e fariam parte de administrações municipal, estadual e federal. Mas, naquela época, não sabíamos que a vitória contra a ditadura estava relativamente próxima. Parecíamos lutar contra “moinhos-de-vento”.

No México, por outro lado, a democracia funcionava formalmente desde 1910 e o país recebera exilados políticos sul-americanos (tais como Hortencia Bussi, a viúva de Salvador Allende; intelectuais que líamos avidamente, os teóricos da dependência que estudei em disciplina sobre economia latino-americana no curso de especialização). O México havia sido contrário à expulsão de Cuba da OEA (Organização dos Estados Americanos), em 1961, mantinha uma política externa independente e não rompera relações diplomáticas com a URSS ou com Cuba, apoiou o governo de Salvador Allende e repudiou o golpe de Pinochet... Ao mesmo tempo, era um país com características sociais, econômicas e culturais muito semelhantes àqueles que estavam sob a égide de regimes terroristas, ditaduras militares de Segurança Nacional. E muito parecido com o Brasil: gigante, industrializado, satélite preferencial, “em desenvolvimento”...

A dissertação foi o que hoje seria considerada uma tese de doutorado, pelas dimensões, pelo volume de pesquisa e de bibliografia, mas, sobretudo, pela problematização do tema. O trabalho intitulado “Revolução Mexicana (1910-1940): um caso de hegemonia burgue-

sa na América Latina” foi orientado pela professora Dra. Céli Regina Jardim Pinto, a mesma professora que ministrou a disciplina sobre história econômica da América Latina no curso de especialização e que indicou a leitura de autores ligados à Teoria da Dependência. Voltarei a esse tema em outra parte desse memorial. A professora Céli, como já mencionei, teve participação decisiva na minha formação. Ela voltara da Inglaterra com doutorado na mesma época em que eu fazia especialização. As novidades teóricas, as discussões sobre produção de conhecimento histórico e o espírito crítico que vivenciávamos em suas aulas me fez optar por sua orientação no Mestrado.

Voltando ao México: a ausência de ditadura militar no país na década de 1970 era um indício da sua singularidade em relação às demais regiões da América Latina. A estabilidade política mexicana surpreendia em meio às teses de instabilidade congênita dos coirmãos subcontinentais. Nações latino-americanas, sobretudo do Cone Sul, semelhantes ao México em termos de importância estratégica e de economias emergentes, foram assoladas por ditaduras militares de duração variável, mas com características semelhantes no que se refere aos fatores que propiciaram a sua aparição no cenário latino-americano.

Os golpes preventivos, perpetrados por militares, com a colaboração de uma parte da sociedade civil, implantaram “Ditaduras de Segurança Nacional” no Brasil, no Chile, na Argentina e no Uruguai. Mas, o México, país de características semelhantes a esses últimos foi preservado. Suas elites civis permaneceram no poder por mais de 70 anos, sob a hegemonia de um único partido político, o Partido Revolucionário Institucional (PRI). O México, mesmo com todos os problemas econômicos e políticos, acusação de fraudes eleitorais e autoritarismo, não viveu sob a égide de uma ditadura militar naquela época, tendo o Estado mexicano sido palco de um relativo equilíbrio entre a utilização do aparato repressivo e dos instrumentos destinados ao consenso.

Em meados dos anos 1980, a preocupação com os processos de redemocratização iniciados no Cone Sul, a inquietação em reconstruir o sistema partidário e as dificuldades encontradas pela esquerda para reerguer suas bandeiras foram fatores suficientes para que os intelectuais sul-americanos procurassem na realidade mexicana explicações para a afamada estabilidade. Realidade mexicana onde, em que pese todas as denúncias envolvendo o processo eleitoral perpetradas pelo PRI e o autoritarismo que reprimira as manifestações estudantis em 1968, a democracia sobreviveu, ainda que formalmente.

Conectados à ideia de *historia magistra vitae*², historiadores, sociólogos e cientistas políticos consideravam que a análise da realidade mexicana podia fornecer pistas para a sobrevivência prolongada dos partidos, para a presença constante das esquerdas e para a

consolidação da democracia, ainda que se tratasse de uma “democracia sem adjetivos” (ver Cueva: 1988). A minha tese (dissertação de Mestrado) sobre a hegemonia burguesa no México construída a partir do processo revolucionário iniciado em 1910 apareceu nesta conjuntura latino-americana.

Em “A Revolução Mexicana (1910-1940): um caso de hegemonia burguesa na América Latina”, eu tentava compreender a “constituição da burguesia como classe hegemônica (...) como resultado do processo revolucionário iniciado em 1910, contrariando a tese da ‘instabilidade política congênita dos países latino-americanos’” (p. 07). Tratava-se de explicar a situação relativamente privilegiada de um país que, embora tivesse as mesmas características socioeconômicas dos vizinhos sul-americanos, aparecia como uma “ilha de salvação” para os milhares de intelectuais e dirigentes partidários da esquerda latino-americana expulsos de seus países pelas ditaduras de Segurança Nacional. Sobre os intelectuais tiveram uma boa acolhida nas universidades e centros de pesquisa do México. A atividade cultural intensificou-se por estímulo da Revolução de 1910, que permitiu a incorporação de segmentos, temas e motivos da cultura popular, com ênfase também na alfabetização massiva, e uma “difusão muito mais popular de certos elementos da cultura universal” (Aguirre Rojas: 2001, 101).

Uma aproximação mais minuciosa com o contexto mexicano dos anos 1960-1970, no entanto, não revelava apenas o predomínio do consenso, da democracia e do diálogo político. Foi uma década de altos e baixos para o partido oficial da revolução, o PRI. A bipolarização do mundo, a latino-americanização da Guerra Fria e os golpes militares “preventivos” na América do Sul tiveram efeito no tênue equilíbrio burguês do México. Os governos que se sucederam entre 1950 e 1980 alternaram momentos de maior consenso, determinado pelas singulares relações sociais do México pós-revolucionário, e fases de intensa repressão, informadas pela ideologia de Segurança Nacional e de defesa do Ocidente.

Durante o Mestrado, senti a necessidade de estudar as outras revoluções latino-americanas. Li muito sobre Cuba, Bolívia, Guatemala e Nicarágua e identifiquei aspectos comuns a todas as revoluções subcontinentais que, de resto, me parecem semelhantes às demais revoluções que ocorreram no mundo periférico na contemporaneidade, a saber: a questão democrática (tratou-se em todos os casos de lutar contra ditaduras e autoritarismos), a questão do desenvolvimento (tratou-se em todos os casos de propor um desenvolvimento que reverteresse o atraso econômico das sociedades em questão) e a questão nacional (tratou-se em todos os casos de reivindicar a identidade nacional para minimizar, diminuir ou eliminar a dependência em relação aos centros hegemônicos do capitalismo).

Ao terminar o Mestrado, em 1990, eu era uma pesquisadora principiante, mas já era uma professora experiente, tendo acumulado então seis anos de docência com passagem pelo Ensino de Jovens e Adultos (Supletivo do Universitário), Ensino Fundamental e Médio (Colégio Israelita Brasileiro) e três experiências em Ensino Superior: Universidade de Passo Fundo, La Salle e a UFRGS.

Àquela altura, eu estudava os movimentos sociais contemporâneos latino-americanos com afinco. O estímulo vinha de um lado da curiosidade dos alunos e, de outro, das minhas preocupações com o contexto latino-americano. Ao redigir a dissertação, em 1989-1990, o socialismo real tinha atingido o auge da crise que o levaria à ruína, a redemocratização do Brasil seguia o curso determinado pelos grupos dominantes e as prédicas neoliberais já dominavam o cenário latino-americano, porém o movimento chiapaneco (Exército Zapatista de Libertação Nacional – EZLN) ainda não havia aparecido. Aliás, nem o movimento chiapaneco havia surgido e tampouco se observava qualquer atividade consistente de movimentos ou organizações de esquerda que lembrassem aquelas que tiveram origem nos anos 1960 e 1970, inspirados na Revolução Cubana. O cenário era francamente desfavorável à luta armada ou à radicalização e somente na América Central, notadamente na Guatemala e em El Salvador, as guerrilhas ainda tinham atuação, mas com menor intensidade do que nas décadas anteriores³.

A eclosão do movimento chiapaneco, em janeiro de 1994, surpreendeu os estudiosos, historiadores, pesquisadores e jornalistas políticos especializados em América Latina e, particularmente, os interessados na história do México. O conflito era parte do rechaço dos movimentos populares latino-americanos ao neoliberalismo e aos processos de globalização, inaugurados pelo Caracazzo em 1989. Uma das reivindicações mais substantivas desses “Novos Movimentos Sociais” latino-americanos era a questão da cidadania de grupos sociais relegados no processo de constituição das nacionalidades.

Foi nesta conjuntura que iniciei o Doutorado em História Social, em 1994, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, disposta a retomar os estudos sobre a Revolução Mexicana, a respeito da questão nacional e muito inclinada a proceder à comparação entre os países da América Latina. Não consigo ter certeza hoje se no momento da apresentação do projeto de pesquisa na UFRJ, em fevereiro de 1994, eu tinha consciência de que propunha estudar a construção das nacionalidades em três países latino-americanos e, ao mesmo tempo, paradoxalmente, transcender as fronteiras da nação a partir da abordagem comparativa.

A minha proposta de doutorado contemplava muitas influências, aprendizados e convicções que já se acumulavam em minha trajetória. Diante do cenário mundial que apontava

na direção da globalização, queria entender o momento da constituição da nação. Diante do conhecimento sobre como o México conseguiu transitar do Estado oligárquico através de um processo revolucionário que permitiu o afloramento de uma cultura nacional muito rica e diversificada, queria saber como outros países da América Latina haviam conseguido ultrapassar o predomínio dos setores primário-exportadores, a hipertrofia do setor primário, a exclusão social, econômica e política das classes populares, o autoritarismo das oligarquias e constituir sociedades nacionais relativamente integradas, sem que explicitamente houvesse um processo revolucionário em curso. Diante das discussões sobre a questão nacional, protagonizadas por Hobsbawm, Anderson, Gellner e outros para o cenário europeu, queria descobrir as especificidades desse processo na América Latina.

Naquela época, eu já me sentia preparada para enfrentar o maior desafio dos historiadores latino-americanistas: ultrapassar as barreiras e obstáculos interpostos ao longo de todo o século XX pela moldura do Estado-nação, perceber a identidade comum aos países latino-americanos, compreender sua conexão com o resto do mundo e, ao mesmo tempo, estudar o momento de constituição das nacionalidades em cada um dos três países. Nessa altura, a América Latina já começava a apresentar-se como um todo!

A tese de doutorado, defendida em outubro de 1998, intitulada “A Questão Nacional na América Latina: México, Brasil e Argentina” (**Anexo 5**) é um estudo sobre os processos de construção da nação e da nacionalidade na América Latina. A experiência acumulada na docência e na pesquisa sobre países da América Latina levaram-me a abordar o tema através de um tratamento comparativo.

A comparação entre dois ou mais países da América Latina permitiu dar voz aos sujeitos da história em outra escala e, desse modo, revelar traços comuns ao universo latino-americano. Em síntese, o rompimento com a particularidade dos casos tornou possível, para mim, desnudar o subcontinente como uma totalidade de possível compreensão.

Nesse sentido, foram analisados os seguintes conjuntos discursivos da campanha, da posse e do período presidencial de: Francisco Madero, no México, entre 1908 e 1913; Hipólito Yrigoyen, na Argentina, entre 1891 e 1922; Getúlio Vargas, no Brasil, entre 1928 e 1934. Os discursos políticos destinados a legitimar a ordem, orientar condutas, pautar e hierarquizar valores, estabelecer metas e construir mitos constituíram-se como fontes para compreender o momento da consolidação da ideia de nação em cada um dos três países.

O discurso anti-oligárquico se apresentava como um projeto alternativo ao sistema vigente e cuja inovação residia na instauração de um novo sentido à Nação e à nacionalidade.

Território e indivíduo eram transformados, respectivamente, em espaço e cidadão, através do discurso político. Vargas, Madero e Yrigoyen construíam mitos, estabeleciam metas e orientavam as condutas mais adequadas para o restabelecimento da ordem, da paz e do progresso nacionais.

A “questão nacional” expressava problemas fundamentais das sociedades latino-americanas, como a posse da terra, a conquista de direitos políticos, a emancipação nacional e outros, quotidianamente colocados no universo dos movimentos sociais do subcontinente.

Estudar os processos identitários e a formação nacional possibilitou-me entender melhor o próprio significado e a existência da América Latina como unidade. Estudar o que é comum entre os países, o que é particular de cada um deles e quais os aspectos que nos permitem compreender a América Latina como totalidade foram alguns dos resultados mais produtivos do processo de elaboração da tese.

A fase de capacitação e formação acadêmica que se encerrou com a concessão do título de Doutor em História Social (**Anexo 6**) incluiu experiências que marcaram para sempre a minha vida e atividade profissional. Todas relacionadas com o fato de sair de Porto Alegre e da minha zona de conforto.

Na UFRJ pude desfrutar da amizade e dos ensinamentos do professor e amigo José Luís Werneck da Silva que infelizmente não viu o resultado final do meu trabalho, mas que me deixou uma das lições mais importantes dessa trajetória. Ele me incentivou durante todos os anos do doutorado e para sempre a não desistir da América Latina e do Brasil. Sabiamente, aconselhou-me a inserir sempre o Brasil na comparação com os outros países latino-americanos, por vários motivos, entre os quais saliento o da necessária desnaturalização da ideia de que o Brasil é muito diferente dos países da região. Werneck também me estimulou a não desistir de estudar a América Latina, mesmo correndo o risco de generalizações por abarcar esse conjunto tão amplo e diverso, mas ao mesmo tempo, particular, original e tão semelhante em suas características fundamentais. A América Latina finalmente apareceu como um todo!!

A experiência de pesquisa em três países sobre o mesmo tema, com o mesmo tipo de fonte foi igualmente essencial para a minha trajetória. Experimentei pela primeira vez as diferenças nos ambientes acadêmicos entre os países latino-americanos, as diversas maneiras de guarda e de organização dos arquivos nos três países e, sobretudo, beneficiei-me da supervisão de Carlos Antonio Aguirre Rojas no México. Ele abriu-me os olhos para a necessidade e conveniência de analisar quais eram as ideias dos intelectuais brasileiros, mexi-

canos e argentinos a respeito da nação, da identidade nacional e do nacionalismo nos três países na mesma época de enunciação dos discursos dos meus presidentes-personagens. Isso ampliou os limites de minha atividade de pesquisa, deu origem ao primeiro capítulo da tese e converteu-se no meu interesse dos últimos 16 anos, o que explica parcialmente o fato de eu ter publicado o primeiro capítulo da tese apenas em 2014. A história intelectual, que oscila entre a cópia e a originalidade, a valorização da cultura ocidental ou do que é original, e que se especializou na formulação de teses sobre o exotismo, a incompletude, os desvios e deformações, o transitório e o prematuro, transformou-se em objeto de indagação permanente. A América Latina como um todo, com sua história intelectual, apareceu formulada através do lema: nosso norte é o Sul!!!

Em 2009, depois de uma experiência de dois anos na coordenação do Programa de Pós-graduação em História da UFRGS, decidi me afastar das atividades docentes e administrativas para cumprir um estágio de pós-doutorado na UFF ([Anexo 7](#)), sob supervisão do professor Jorge Ferreira. O objetivo foi o de aprofundar meus estudos sobre os intelectuais marxistas latino-americanos, notadamente os fundadores da Teoria da Dependência.

Um quadro sintético da trajetória de formação e de capacitação na área de história pode ser expresso da seguinte maneira:

TÍTULO	PERÍODO	INSTITUIÇÃO	DISSERTAÇÃO/TESE/PAPER
Licenciada em História	1979-1981	UFRGS	-----
Especialista em História da América Latina	1984-1985	UFRGS	-----
Mestre em História	1986-1990	UFRGS	Revolução Mexicana (1910-1940): um caso de hegemonia burguesa na América Latina
Doutorado em História Social	1994-1998	UFRJ	A Questão Nacional na América Latina: México, Brasil e Argentina
Pós-Doutorado em História	2009-2010	UFF	Os intelectuais marxistas brasileiros e o projeto nacional-desenvolvimentista (1950-1960)

Um balanço do meu percurso formativo leva-me a pensar quantos interesses eu abandonei nessa trajetória. A começar pela medicina – minha primeira opção no vestibular – e a arquitetura, uma paixão que eu não abandonei completamente praticando privadamente a “decoração de interiores”. Na intimidade, amigos e familiares dizem que sou uma historiadora titulada e uma médica leiga. Ao longo desses vinte anos de formação acadêmica e profissional (1978-1998), casei com um homem maravilhoso, fiz dois filhos extraordinários que cresceram junto com minha evolução intelectual e profissional, aprendi a costurar, conheci grande parte do país e do mundo, cozinhei muito, pratiquei jardinagem, ensinei e aprendi com meus alunos, filhos, companheiro, colegas e amigos. Minha auto-avaliação desse percurso é altamente positiva.

Atividades de pesquisa e publicações

A narrativa segue o curso da vida, ela não se explica à parte da vida, simplesmente flui. Na medida em que a história é narrada, os fatos surgem acompanhando a memória do narrador, 'que não se preocupa com o encadeamento exato de fatos determinados, mas com a maneira de sua inserção no fluxo insondável das coisas'.

Walter Benjamin

A minha autobiografia intelectual é quase impossível de ser escrita sem correlação à história da história latino-americana. Ao escrever o testemunho de minha vida profissional, apresento dados que explicam o meu projeto historiográfico. Acompanhei e sou protagonista de uma parte significativa do percurso da historiografia latino-americanista. Durante a minha graduação, os professores de História da América pesquisavam sobre história do Brasil, do Rio Grande do Sul ou, na melhor das hipóteses, sobre temas das fronteiras⁴.

As pesquisas sobre a América Latina foram desencadeadas a partir da fundação da CEPAL (Comissão Econômica para América Latina), em 1948, lideradas, notadamente, por economistas. A fundação do ILPES (Instituto Latino-americano e do Caribe de Planificação Econômica e Social), em 1962, serviu para abrigar sociólogos e cientistas políticos que pretendiam apoiar os governos e elaborar estratégias destinadas a alcançar o desenvolvimento. Quando foram fundadas essas duas instituições, os principais pesquisadores e interessados no subcontinente não eram historiadores, mas sim economistas, sociólogos, cientistas políticos, todos interessados em entender o binômio desenvolvimento/subdesenvolvimento e discutir a dependência.

Antes disso, a história da América Latina praticamente não existia. Até os anos 1960/1970, o interesse dos historiadores tinha um recorte nacional; pesquisavam sobre a Revolução Mexicana, a Revolução de 1930 ou o peronismo, sem relacionar com outras experiências latino-americanas. “História da América Latina” de Pierre Chaunu, provavelmente o primeiro historiador a tratar do tema de modo abrangente (o livro fazia parte de uma coleção de História Universal da editora Gallimard), é de 1949. A primeira publicação de Celso Furtado a tratar da América como um todo surge em 1966, “Subdesenvolvimento e estagnação na América Latina”. “As Veias Abertas da América Latina”, de Eduardo Galeano é

de 1971 e “História Econômica da América Latina”, de Ciro Flamarion Cardoso e Perez Brignolli, é de 1979.

Quando eu estava no Mestrado (1986-1990), a área de História da América era considerada carente na CAPES. A historiografia latino-americanista – esse ramo que transcende a moldura do Estado nacional para preocupar-se com o subcontinente como um todo – era incipiente. Não havia uma produção bibliográfica brasileira, ou de qualquer outro país latino-americano, significativa. Pouquíssimos estudos iam além da abordagem sobre um só país, onde a Argentina e depois o Uruguai figuravam entre as principais escolhas.

Autores como Halperin Donghi, Agustín Cueva, Ciro Flamarion Cardoso, Perez Brignoli, Leopoldo Zea, Pierre Chaunu, Celso Furtado, Fernando Henrique Cardoso, Enzo Falletto, Vânia Bambirra, Theotônio dos Santos, Ruy Mauro Marini, Octávio Ianni, Edelberto Torres Rivas, Jaques Lambert, Frederic Mauro, Théo Araújo Santiago, Nicolás Sanchez-Albornoz, Stanley e Barbara Stein constituíam a ínfima parcela de cientistas sociais, entre os quais alguns historiadores de ofício, outros não, que escreveram trabalhos que procuravam abarcar o âmbito continental ou sub-regional.

A partir dos anos 1980, surge uma nova leva de historiadores e cientistas sociais preocupados com a América Latina. Instituições como AHILA (Asociación de Historiadores Latinoamericanistas Europeos), FIEALC (Federación Internacional de Estudios sobre América Latina y el Caribe), SOLAR (Sociedad Latinoamericana de Estudios sobre América Latina y el Caribe), CEISAL (Conselho Europeu de Investigações Sociais de América Latina), ICA (Congresso Internacional de Americanistas), REDIAL (Rede Europeia de Informação e documentação sobre América Latina), Corredor de las Ideas e ANPHLAC (Associação Nacional de Pesquisadores e Professores de História das Américas) tiveram grande importância no aumento exponencial de trabalhos sobre América Latina e mesmo na indução de um conjunto de pesquisas sobre a região no âmbito das Universidades e dos programas de pós-graduação, o que, por sua inequívoca extensão, impede que eu faça uma lista de autores semelhante àquela referente aos autores dos anos 60/70.

Toda a produção intelectual decorrente das minhas pesquisas sobre América Latina foi influenciada por esse crescimento de estudos históricos sobre a região e é parte integrante das abordagens contemporâneas das análises sobre América Latina no mundo e, particularmente, no Brasil. A produção aqui destacada está informada pelos principais debates ocorridos desde o final da década de 1960 na América Latina, a saber: dependência e desenvolvimento, revoluções, identidade nacional e identidade latino-americana, história intelectual, movimentos sociais, populismo, ditadura e autoritarismo, democracia, entre outros.

É essencial nas minhas pesquisas o tema da crise do Estado oligárquico. Segundo meu ponto de vista todos os eventos contemporâneos da América Latina foram desencadeados a partir do momento em que o domínio das oligarquias primárias foi questionado em cada país do subcontinente latino-americano. O fim da primazia do setor primário-exportador como motor da acumulação, as reivindicações dos setores populares pelo fim da exclusão social, econômica e política, a tentativa da fração burguesa industrial de harmonizar as relações entre capital e trabalho, o declínio do autoritarismo, o nacionalismo em contraposição ao predomínio da valorização de tudo o que vinha do exterior, enfim, todos esses processos ocorreram nos países latino-americanos em tempos diversos (Agustin Cueva) e de maneiras igualmente diferentes (Halperin Dongui), o que provocou, por sua vez, reformas ou revoluções, mais autoritarismo ou democratizações, populismo ou socialismo. Por isso, a crise do Estado Oligárquico é tema central no meu percurso como estudiosa da América Latina contemporânea.

Os projetos que aparecem nessa sessão do Memorial seguem uma ordem cronológica, mas a produção intelectual decorrente deles não. Algumas vezes, como no caso da pesquisa sobre Revolução Mexicana, eu publiquei somente mais tarde, quando eu já tinha elaborado mais os resultados ou quando surgiu alguma oportunidade decorrente de datas comemorativas etc. Os artigos, livros e capítulos aqui destacados são resultado de pesquisa. Em outro ponto deste memorial, abordo os textos de outra natureza (didática, divulgação, ensaios).

Mestrado

A pesquisa do Mestrado não produziu resultados tangíveis imediatos. Em 2008, publiquei um artigo na “Revista Contrahistória. La otra mirada de Clio”, intitulado “1810, 1910, 2010. Independencia, Revolución Mexicana, futuros de América Latina”. Contrahistorias, v. 11, p. 89-96, 2008. ([Anexo 8](#)). Abordei a Revolução Mexicana sob a ótica da independência dos países latino-americanos e do bicentenário. Procurei desenvolver uma análise simultaneamente sincrônica e diacrônica dos problemas latino-americanos em três diferentes épocas.

Em 2010, no aniversário de 100 anos da Revolução Mexicana e depois de vinte anos de terminado o Mestrado, fiz um balanço mais profundo sobre a pesquisa do Mestrado e produzi o artigo: “Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou porque voltar ao México 100 anos depois”, publicado nos Cadernos IHU Ideias (UNISINOS), v. 152, p. 1-23 em 2011 ([Anexo 9](#)). Nele retomei a tese da hegemonia burguesa no México e avaliei sua validade depois de confrontar com

os avanços historiográficos dos últimos vinte anos. Pude incorporar boa parte das análises feitas sobre a Revolução Mexicana após a eclosão do movimento de Chiapas e compreendi ainda mais os limites da hegemonia burguesa, inclusive as limitações geo-históricas do projeto revolucionário, já que os seus benefícios não atingiram o México profundo.

Doutorado

Durante o doutorado, influenciada pela leitura do livro de Arno J. Mayer, “A Força da Tradição - A persistência do Antigo Regime, 1848-1914”, e com base na pesquisa que eu desenvolvia sobre a crise das oligarquias rurais no Brasil, no México e na Argentina produzi o texto: “A manutenção das oligarquias no poder: as transformações econômico-políticas e a permanência dos privilégios sociais”, publicado na “Revista Estudos Ibero-Americanos”, v. XXIV, n. 2, p. 51-70, 1998 (**Anexo 10**). No artigo, procuro defender a tese de que as “oligarquias ainda sobrevivem nas heranças que legaram ao sistema econômico, político, social e ideológico desses países, exemplificadas na força do latifúndio, na violência das relações sociais no campo, no tipo de sistema produtivo extensivo de alguns rincões e na imensa concentração de renda, poder e terras na maior parte da América Latina”. Gostaria de ter transformado essa ideia em uma pesquisa com mais profundidade, mas compreendo as dificuldades em identificar os traços oligárquicos no presente em mais de um país latino-americano, sem incorrer em anacronismos.

Como decorrência das leituras e reflexões sobre o tema das identidades, realizadas para compor o aparato conceitual da tese de doutorado, escrevi artigos teóricos que foram publicados sob os títulos de: “Identidade: conceito, teoria e história” na Revista *Ágora* (UNISC), Santa Cruz do Sul, v. 07, n.2, p. 07-19, 2001 (**Anexo 11**) e “Problemas teóricos que envolvem a questão da identidade coletiva e a formação de novas identidades” publicado na Revista *Semina. Ciências Sociais e Humanas*, Londrina, v. 23, p. 93-100, 2002 (**Anexo 12**). Nesses artigos, tentei sistematizar conhecimentos teóricos que vinham se acumulando das leituras feitas para a tese, mas também ensaiei algumas ideias novas a respeito da formação de uma identidade especificamente latino-americana, a despeito da preponderância da identidade nacional.

Em 2002, publiquei o livro “Palavra de Presidente” – Porto Alegre: Edufrgs, 2002, 199p. (**Anexo 13**). O livro é resultado dos capítulos dois e três da tese de doutorado. O enfoque do livro são os discursos presidenciais no período da campanha e da presidência de cada um. É um exercício de análise de discurso político que reivindica a unidade de um conjunto discursivo anti-oligárquico, ao mesmo tempo em que observa e dá importância às singularidades de cada caso. Optei por desenvolver a análise de discurso, cujas fontes pro-

vinham de três emitentes em épocas diferentes, a partir de “temas” que identifiquei como centrais na fala dos presidentes, a saber, a questão da legislação eleitoral e constitucional, do ordenamento econômico e sua organização espacial (problema regional), da inclusão social e do reconhecimento do indivíduo como cidadão. Conclui a tese e o livro “Palavra de Presidente” tentando estabelecer relações entre o discurso político e historiográfico, sem, entretanto, aprofundar o tema, que se tornou objeto de estudo posteriormente a essa publicação.

Em 2007, ainda como derivação dos estudos comparativos sobre a crise do Estado Oligárquico nos três países, publiquei um artigo na Revista de História Comparada da UFRJ, intitulado “Os programas políticos e trajetória pública dos candidatos à sucessão das oligarquias no México, Brasil e Argentina no começo do século XX”. Revista de História Comparada (UFRJ), v. 1, p. 2, 2007. (**Anexo 14**), cujo enfoque não recai sobre os discursos, mas sim sobre os programas políticos da Aliança Liberal no Brasil, da União Cívica Radical na Argentina e do Partido Antireelecionista no México. Procurei estabelecer a diferença entre os três casos, mas pude igualmente perceber a precariedade das organizações políticas pluriclassistas, criadas essencialmente para romper com um sistema arraigado de poder.

Outro artigo que foi resultado direto das pesquisas para o doutorado foi “Democracia na América Latina: limites e possibilidades”. In: Beatriz Teixeira Weber; Diorge Alceino Konrad. (Org.). Visões do Mundo Contemporâneo. Caminhos, mitos e muros. Santa Maria: Facos - UFSM, 2007, v. 1, p. 101-108 (**Anexo 15**). As preocupações com a questão nacional e com a transição do Estado Oligárquico eram consoantes com o que se fazia na historiografia latino-americanista da época. As redemocratizações conclamavam os historiadores preocupados com o âmbito subcontinental a pensar sobre a dificuldade das nações em manter estabilidade política, com a persistência do autoritarismo ou com o populismo endêmico. O artigo permitiu, neste sentido, retomar as questões a respeito da propalada “instabilidade política crônica” ou das “dificuldades dos países latino-americanos em manter regimes formalmente democráticos”.

Revolução Cubana: imprensa e historiografia

Logo depois do doutorado, iniciei uma pesquisa sobre a Revolução Cubana na imprensa brasileira. A Revolução Cubana impactou a América Latina mais do que a Revolução Russa impactou a Europa. Produziu uma grande ruptura na esquerda subcontinental e representou o ingresso da América Latina na Guerra Fria. Por isso, estudar o impacto da Revolução Cubana no Brasil representava pensar nas possibilidades de sucesso da es-

querda brasileira a partir da redemocratização, mesmo diante do fim do socialismo. Essa pesquisa deu origem a um livro e dois artigos.

O livro “A Revolução Cubana: 50 anos de imprensa e história no Brasil”. Porto Alegre: Edições EST, 2009. 157p. ([Anexo 16](#)) foi resultado da pesquisa realizada em jornais e revistas brasileiros, representantes da grande imprensa, acerca das notícias e artigos sobre a Revolução Cubana, veiculados entre 1959 e 1970, e posteriormente, sobre Cuba, entre 1989 e o ano 2000. Nesses dois blocos temporais de 11 anos procurei analisar a recepção do processo revolucionário no Brasil e a imagem que a grande imprensa difundiu sobre Cuba em nosso país, depois da queda do socialismo. Os jornais e as revistas consultados foram o Diário de Notícias e a revista O Cruzeiro, no período entre 1959 e 1970, e os Jornais Zero Hora e Folha de São Paulo e as Revistas Isto É e Veja, no período que vai de 1989 até 2000. Organizei e escrevi o primeiro capítulo do livro. Os demais, referentes a cada órgão da grande imprensa, foram escritos pelos meus alunos, bolsistas de Iniciação Científica (BIC), responsáveis pela pesquisa em cada um dos jornais e revistas. Todo o trabalho foi feito sob minha supervisão, inclusive a redação dos textos que foi cuidadosamente revisada para proporcionar uma experiência completa aos estudantes de BIC.

A pesquisa também deu origem a um artigo publicado em dois países: Israel e Colômbia. Ambas as revistas se manifestaram favoráveis à dupla publicação por tratar-se de uma publicação impressa e uma exclusivamente eletrônica (ainda incomum para a época): “A recepção da Revolução Cubana: a historiografia brasileira.” *Estudios Interdisciplinarios de America Latina y el Caribe*, v. 18, p. 1-20, 2007 ([Anexo 17](#)) e “Historiografia sobre a Revolução Cubana no Brasil.” *História Caribe*, v. 1, p. 57-76, 2007 ([Anexo 18](#)). O artigo se referia especificamente à historiografia brasileira sobre Cuba, desde os primeiros textos até historiografia mais recente.

Por ocasião do aniversário de 50 anos da Revolução Cubana, a revista francesa “*Cahiers des Amériques Latines*” fez um dossiê sobre Cuba e publiquei junto com Vicente Ribeiro o artigo “Cuba e a esquerda latino-americana. Entre o impacto da Revolução de 1959 e a Revolução bolivariana”. *Cahiers des Amériques Latines* (Paris), v. 1-2, p. 75-87, 2009 ([Anexo 19](#)). Aproveitamos as duas experiências, a minha com a Revolução Cubana e os impactos na esquerda latino-americana nos anos 1970 e 1980 e a experiência de Vicente Ribeiro sobre as relações entre Cuba e Venezuela nos anos 2000. O artigo, escrito a quatro mãos, faz uma retrospectiva e reflete sobre os principais momentos dos contatos entre os dois países. Ao final do artigo, refletimos sobre a radicalização dos movimentos sociais latino-americanos e a linha tênue que divide Reforma e Revolução em nossa região.

Movimentos Sociais e Esquerdas latino-americanas

A curiosidade acerca da Revolução Cubana também respondia aos estímulos dos alunos nas disciplinas de América Contemporânea. Com a experiência acumulada nas pesquisas sobre Revolução Mexicana e Revolução Cubana somada àquela experiência advinda das leituras feitas para as aulas fizeram-me elaborar, em 2002, um projeto de pesquisa de longuíssimo prazo. O projeto intitulado “Movimentos Sociais latino-americanos: a construção de identidades nos movimentos de trabalhadores, estudantes, operários, camponeses, indígenas, mulheres e intelectuais” visa atender os meus interesses de pesquisa, de ensino e de orientações de Iniciação Científica, Mestrado e Doutorado. Trata-se de um projeto “guarda-chuva” que possibilita uma gama de atividades relativas à trajetória da esquerda na América Latina. Atualmente, dedico-me a escrever um dicionário sobre “movimentos sociais e de esquerda na América Latina” ainda não publicado, mas amplamente divulgado entre os meus alunos.

Com base neste projeto, além de orientar (sobre zapatistas, piqueteros, chavismo, entre outros temas), pude pesquisar e escrever vários capítulos e artigos sobre o comportamento das esquerdas no século XX e XXI. A começar pelo artigo “A esquerda latino-americana: cronologia, temas e problemas” *Ágora* (UNISC), Santa Cruz do Sul, v. 09, n.1/2, p. 209-222, 2003 (**Anexo 20**), no qual ensaiei as primeiras reflexões sobre os mitos historiográficos a respeito da esquerda latino-americana, tais como insuficiências teóricas das principais lideranças e sobre as disputas internas das esquerdas como causa imediata dos seus fracassos.

Publiquei ainda um capítulo do livro organizado por docentes do México e da Argentina “Movimientos indígenas do século XXI: referenciais históricas de las luchas por Reconocimiento étnico, soberanía nacional y defensa del patrimonio público”. In: Antonio Escobar Ohmstede; Raúl Mandrini; Sara Ortelli. (Org.). *Sociedades en Movimiento. Los Pueblos Indígenas de América Latina en el siglo XIX*. Tandil: Instituto de Estudios Histórico-Sociales, 2007, v. 1, p. 1-1. (**Anexo 21**), no qual tratava especificamente da esquerda nos países andinos e dos movimentos indígenas contemporâneos. Nesse artigo, consegui fazer uma relação entre o discurso modernizador que atribui à permanência das tradições ancestrais um óbice ao desenvolvimento e o discurso antirracista, que apresenta um projeto alternativo de constituição nacional no século XIX e início do XX, e de valorização da soberania nacional no início do século XXI.

Os verbetes: “Zapatismo”. In: Francisco Carlos Teixeira da Silva; Alexandre Martins Vianna. (Org.). *Enciclopédia de Guerras e Revoluções do Século XX*. As grandes trans-

formações do mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2004, v. 1, p. 953-954 (**Anexo 22**) e “Neozapatismo”. In: Francisco Carlos Teixeira da Silva. (Org.). Enciclopédia de Guerras e Revoluções do Século XX. As grandes transformações do mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2004, v. 1, p. 614-615 (**Anexo 23**) foram encomendados pelo professor Francisco Carlos Teixeira para sua enciclopédia sobre movimentos sociais contemporâneos em função de minha experiência acumulada sobre história do México.

O capítulo “Bolívia: História e Identidade. Uma abordagem sobre a Cultura e a Sociedade contemporâneas”. In: Heloisa Vilhena de Araujo. (Org.). Os Países da Comunidade Andina. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2004, v. 1, p. 317-342 (**Anexo 24**) foi resultado de vários seminários sobre a situação de países latino-americanos no início do século XXI. Escrevi o capítulo sobre os movimentos sociais na Bolívia que, entre 2000 e 2003, derrubaram presidentes e obtiveram importantes vitórias no campo das esquerdas. Caracterizei quatro temas centrais na história da Bolívia – Revolução de 1952, questão indígena, saída para o mar, centralidade geográfica – para explicar a eclosão dos movimentos sociais do século XXI, a saber, a guerra da água e a guerra do gás.

O artigo publicado no Boletim do Tempo Presente: “Qualquer semelhança não é mera coincidência.” Boletim Tempo Presente (UFRJ), v. 3, p. 1-3, 2008 (**Anexo 25**) foi motivado pela perseguição de guerrilheiros das Forças Armadas Revolucionárias Colombianas (FARC) pelas forças militares colombianas no Equador e a repetida violação territorial nos países do subcontinente com objetivos diversos. Procurei recuperar o histórico e as motivações das sucessivas incursões de militantes e militares nas zonas fronteiriças dos países latino-americanos.

O artigo “A esquerda na América Latina durante os séculos XX e XXI: periodização e debates” Diálogos (Maringá), v. 14, p. 19-38, 2010 (**Anexo 26**) constitui resultado mais amadurecido de todas essas reflexões. Propus uma periodização que estabelece como marcos divisórios, acontecimentos latino-americanos e europeus (entre eles Revolução Mexicana, Revolução Russa, golpes militares, perestroika e queda do Muro de Berlim), sem ignorar a presença de lutas internas vigorosas em cada país e região, mas afirmando a ideia de que essas situações, por vezes externas, tiveram influência tão marcante que foram capazes de mobilizar as esquerdas e os movimentos sociais em cada país do subcontinente.

Em 2013 elaborei um artigo para figurar no dossiê sobre a Venezuela, depois da morte de Hugo Chávez: “História, mito e política na América Latina.” Boletim Tempo Presente (UFRJ), v. 1, p. 1, 2013 (**Anexo 27**). Nesse artigo, recupero uma boa parte das minhas

reflexões a respeito das lideranças políticas latino-americanas, do personalismo, do papel das forças armadas e da história dos sucessos e fracassos das esquerdas na América Latina, além de considerar a especificidade da Venezuela neste contexto.

Ditaduras de Segurança Nacional

A latino-americanização da Guerra Fria a partir dos impactos da Revolução Cubana na esquerda subcontinental teve como resultado a indesejável eclosão de golpes militares com a implantação de ditaduras e governos autoritários em toda a América do Sul. O mesmo ímpeto que me levou a pesquisar sobre a inexistência de ditadura militar de Segurança Nacional no México, também me animou a investigar sobre as ditaduras, suas características centrais, as especificidades nacionais e suas repercussões nas atividades da esquerda.

Como resultado de seminário desenvolvido na UFRGS para refletir sobre os 40 anos do golpe no Brasil, organizei, em parceria com o professor Cesar Augusto Barcelos Guazzelli, o livro: “Ditaduras Militares na América Latina.” 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. 215p ([Anexo 28](#)).

Neste livro, coube-me escrever um artigo sobre a ditadura brasileira, relativo às motivações do golpe no Brasil: “O império da Segurança Nacional: o golpe militar de 1964 no Brasil.” In Wasserman, C. & Guazzelli, C. A. B. “Ditaduras Militares na América Latina.” Porto Alegre: Editora da Universidade, 2004, v. 1, p. 27-44 ([Anexo 29](#)).

Em 2006, publiquei o capítulo: “O Golpe de 1964 - Tudo o que se perdeu.” In: Enrique Serra Padrós. (Org.). As ditaduras de Segurança Nacional. Brasil e Cone Sul. Porto Alegre: CORAG, 2006, v. 1, p. 55-62 ([Anexo 30](#)). O capítulo respondia às preocupações da pesquisa desenvolvida desde 2005 sobre eixos do debate intelectual latino-americano nos anos 1950-1960, intitulada: “Desenvolvimento e Modernização: os eixos do debate intelectual na América Latina entre os anos 1950-1970”. Essa investigação, correspondente à bolsa Produtividade do CNPq, e o artigo tinha como objetivo perceber todos os projetos – para além daqueles considerados inimigos explícitos dos regimes de Segurança Nacional – que haviam sido descartados a partir dos golpes militares nos países da América do Sul.

Ainda como resultado de estudos e reflexões sobre os golpes militares latino-americanos escrevi o capítulo “O Golpe de 1964: Rio Grande do Sul, “celeiro” do Brasil.” In: Padrós, Enrique; Barbosa, Vânia; Lopez, Vanessa; Fernandes, Ananda. (Org.). A Ditadura de Segurança Nacional no Rio Grande do Sul 1964-1985. Porto Alegre: 2009, v. 1, p. 51-71 ([Anexo 31](#)). Considerei importante essa contribuição na medida em que ainda existiam

poucas pesquisas sobre o golpe no Rio Grande do Sul. O capítulo, introdutório à obra de quatro volumes, procura sistematizar e refletir sobre os principais acontecimentos políticos no período da ditadura no estado.

As publicações sobre ditaduras latino-americanas não foram fruto de pesquisa formal, mas tiveram origem em seminários, nas reflexões realizadas no contato com alunos que estavam pesquisando sobre o tema e nos eventos realizados na UFRGS no dia 31 de março, todos os anos a partir de 2004, com a finalidade de refletir sobre a ditadura brasileira, sempre coordenados pelo professor Enrique Padrós.

Bolsas Produtividade CNPq

A partir de 2003 fui contemplada com a bolsa produtividade em pesquisa do CNPq, nível 2, renovada até 2013. Em 2013, houve uma reclassificação geral das bolsas do CNPq e fui promovida para o nível 1D. Os projetos de pesquisa referentes às bolsas de produtividade foram todos relacionados com História Intelectual latino-americana. Os meus interesses relativos à historiografia latino-americana, aos intelectuais, às ideias políticas e ao pensamento latino-americano, inclusive com reflexões teóricas a respeito do tema começaram a partir da elaboração do primeiro capítulo da Tese de Doutorado e constituem atualmente o que eu reputo como a minha contribuição concreta à historiografia latino-americana que ainda carece de um bom mapeamento, periodização e sistematização. Embora eu esteja longe de realizar essa empreitada, considero que as pesquisas e publicações desenvolvidas até aqui podem contribuir com essas tarefas tão necessárias.

As pesquisas referentes aos temas em questão foram intituladas: “Percurso Intelectual e Historiográfico a respeito da Questão Nacional na América Latina (2003-2005)”, “Desenvolvimento e modernização: os eixos do debate intelectual e historiográfico nos anos 1950-1970 na América Latina” (2005-2008), “Repertórios da esquerda latino-americana nos anos 1950-1970 – revolução social, pré-revolução, revolução e subdesenvolvimento – o debate intelectual marxista e a questão nacional” (2008-2011), “Do pensamento nacional-desenvolvimentista ao pensamento neoliberal: a trajetória de um grupo de intelectuais marxistas” (2011-2013) e “A produção intelectual do grupo de Brasília: as contribuições teóricas, o debate político e a Teoria da Dependência” (2013-2017).

Como se pode observar pelos títulos dos projetos em questão, há uma clara intenção de reunir nestas pesquisas interesses diferentes marcados pela história intelectual, a questão nacional, as esquerdas e as ditaduras. Ultimamente, e como resultado do estudo da trajetória de intelectuais ligados à Teoria de Dependência, venho desenvolvendo pesquisas sobre

os anos 1980 na América Latina e, particularmente, sobre o período da redemocratização nestes países.

Percurso Intelectual e Historiográfico a respeito da Questão Nacional...

O primeiro projeto tinha como objetivo pensar em uma periodização para a historiografia da questão nacional. Como derivação desta pesquisa publiquei artigos e capítulos de livros. Destaco o artigo na “Revista Anos 90” (dossiê sobre Historiografia latino-americana, organizado por mim): - “Percurso intelectual e historiográfico da questão nacional e identitária na América Latina: as condições de produção e o processo de repercussão do conhecimento histórico.” Revista Anos 90 (UFRGS), Porto Alegre, v. 18, p. 99-123, 2003 ([Anexo 32](#)) que faz um balanço da questão nacional no que se refere às condições de produção desses discursos intelectuais, o contexto de enunciação e as fases de elaboração e reconstituição da identidade nacional.

A partir desse mapeamento, comecei a me dedicar a intelectuais específicos, desenvolvendo comparações e identificando conexões entre eles, formação de redes intelectuais e coincidência de percursos. Entre os quais destaco: - “Percursos intelectuais latino-americanos: Nuestra América de José Martí e Ariel de Jose Enrique Rodó.” Diálogos (Maringá), Maringá, v. 8, p. 51-66, 2004 ([Anexo 33](#)) e “Nacionalismo: origem e significado em Sérgio Buarque de Holanda, Samuel Ramos e Ezequiel Martínez Estrada.” Revista Eletrônica da ANPHLAC, Internet, v. 3, p. 1, 2003, e publicado também em Revista Universum (Talca. Impresa), Chile, v. 18, p. 305-321, 2003 ([Anexo 34](#)). Nestes dois artigos, fui capaz de aprofundar aspectos teóricos já estudados anteriormente em casos específicos. Estudei a biografia de cada autor, procurei identificar influências recebidas por eles e tentei aplicar a ideia de geração em cada caso (ver Sirinelli: 1996) para compreender até que ponto essa noção é ou não eficaz para o estudo dos intelectuais em questão. Além disso, comecei a elaborar melhor a noção de “redes intelectuais”, procurando estabelecer as conexões concretas existentes entre os sujeitos estudados.

Em 2006, publiquei um resultado dessa pesquisa referente ao Brasil na Revista Acervo: “Identidade Nacional. O Brasil para seus intelectuais.” Acervo (Rio de Janeiro), v. 19, p. 23-36, 2006 ([Anexo 35](#)). Nesse artigo, dedico-me especificamente aos intelectuais brasileiros e seu papel na constituição da identidade nacional. Procurei demonstrar algumas divergências e até contradições nos discursos sobre a nacionalidade: “um trata da precoce manutenção da unidade territorial e dos benefícios da manutenção da família real portuguesa no pós-independência e atribuem ao país uma unidade nacional original, por vezes tratada como ontológica; outro, aborda a provisoriidade da nação brasileira e sua incom-

pletude, as dificuldades de incorporação de grupos sociais subalternos, os males, problemas, desvios e deformações que impediram a constituição de uma autêntica nacionalidade; existe, ainda, outra formação discursiva que considera a especificidade do caráter nacional, do modo de ser do brasileiro, daquilo que o diferencia dos demais povos”.

Em 2007, publiquei um capítulo de livro que sintetizava os resultados dessa pesquisa: “Historiografia Latino-Americana da Questão Nacional: Nações Inacabadas; Inimigos da Nação e a Ontologia da Nacionalidade.” In: Jurandir Malerba; Carlos Antonio Aguirre Rojas. (Org.). *Historiografia Contemporânea em Perspectiva Crítica*. Bauru: Edusc, 2007, v. 1, p. 259-286 (**Anexo 36**). Constitui a versão mais aprofundada e acabada de todas as análises feitas ao longo do período.

Além das publicações, esse projeto me aproximou de uma rede de estudos sobre intelectuais que se reúne em torno dos professores Eduardo Devés Valdez (Universidad de Chile), Claudio Maíz (Universidad Nacional de Cuyo) e Javier Pinedo (Universidad de Talca). Através dessa rede, participei de vários congressos e eventos, sobretudo a “Jornada das Ideias” e o “Corredor de las Ideas”, que reúnem pesquisadores sobre história intelectual.

Desenvolvimento e modernização: os eixos do debate intelectual...

A persistente disjuntiva entre os autores voltados para a modernização e os autores que reivindicam a identidade (Devés-Valdez: 2003), me levou novamente a buscar nos oponentes/interlocutores dos intelectuais de esquerda, algumas respostas para minhas inquietações sobre como latino-americanistas constituíram teorias originais para explicar a América Latina e o mundo periférico como um todo. O projeto “Desenvolvimento e modernização: os eixos do debate intelectual e historiográfico nos anos 1950-1970 na América Latina” teve como alguns dos seus resultados os artigos “Perspectiva de los intelectuales, políticos y diplomaticos brasileños del desarrollo y de la integración latino-americana (1945-1964).” *Cuadernos sobre Relaciones Internacionales, Regionalismo y Desarrollo*, Bogotá, Colombia, v. 5, p. 55-79, 2010 (**Anexo 37**) e – “A primeira fase da historiografia latino-americana e a construção da identidade das novas nações.” *História da Historiografia*, v. 7, p. 94-115, 2011 (**Anexo 38**), além do capítulo – “Júlio de Castilhos: o intelectual por trás do mito político.” In: Prado, Maria Emilia. (Org.). *Intelectuais e ação política*. Rio de Janeiro: Revan, 2011, v. 1, p. 101-122 (**Anexo 39**).

O primeiro artigo analisa os discursos de diplomatas e políticos brasileiros na época de elaboração da doutrina intitulada “Política Externa Independente”, formulada por Santiago Dantas, e procura comparar essas definições de política externa desenvolvimentista e

nacionalista com os intelectuais da mesma época. No artigo escrito para a Revista História da Historiografia abordo os primeiros autores latino-americanos a construir as teses sobre desenvolvimento, reunidos pela consigna Civilização X Barbárie (Sarmiento: 1875). Finalmente, o artigo sobre Júlio de Castilhos busca desenvolver análise sobre o positivismo e sua relação com as origens das ideias desenvolvimentistas.

A partir desse projeto participei do grupo Intelectuais Ibero-americanos, coordenado pela professora Maria Emília Prado, da UERJ, e apresentei trabalho em eventos do grupo “Colóquios Internacionais Tradição e Modernidade no Mundo Ibero Americano” no Rio de Janeiro e em Coimbra.

Repertórios da esquerda latino-americana nos anos 1950-1970...

Sem esgotar o mapeamento pretendido sobre os intelectuais e historiadores que se preocuparam com a identidade nacional e a constituição das nacionalidades nos países da América Latina, voltei-me para os intelectuais de esquerda. Seus discursos e problemáticas permitiram-me reunir em uma só pesquisa duas dimensões importantes de minhas próprias preocupações: a trajetória das esquerdas latino-americanas, notadamente seus sucessos e os motivos dos fracassos, bem como a história intelectual. Como resultado da pesquisa “Repertórios da esquerda latino-americana nos anos 1950-1970 – revolução social, pré-revolução, revolução e subdesenvolvimento – o debate intelectual marxista e a questão nacional” escrevi o capítulo “Ideologia e política: o papel dos intelectuais orgânicos.” In: Helder Gordim da Silveira; Luciano Aronne de Abreu; Jaime Valim Mansan. (Org.). História e Ideologia: perspectivas e debates. Passo Fundo: Editora Universidade de Passo Fundo, 2009, v. 1, p. 267-277 (**Anexo 40**). O artigo procura recuperar o termo ideologia a partir de uma crítica ao conceito tal como entendido pelo marxismo e, ao mesmo tempo, tenta reconstruir as perspectivas gramscianas de intelectual orgânico para o caso das esquerdas latino-americanas.

Entre 2008 e 2010 tive uma fase de grande produção intelectual, resultado dos sucessivos projetos sobre história intelectual e das redes constituídas com historiadores mexicanos, chilenos e argentinos. Os capítulos seguintes foram resultado dessas conexões: - “Intelectuales y la cuestión nacional: cinco tesis respecto a la constitución de la nación en América Latina.” In: Antonio Escobar Ohmestede; Romana Falcón Vega, Raymond Buve. (Org.). La arquitectura histórica del poder. Naciones, nacionalismos y estados en América Latina. Siglos XVIII, XIX, XX. Cidade do México: CEDLA- El Colegio de México, 2010, v. 1, p. 111-136 (**Anexo 41**); - “A Revista Brasiliense e os debates da esquerda brasileira entre 1950 e 1960.” In: Regina Crespo. (Org.). Revistas en América Latina: proyectos literarios,

políticos y culturales. Cidade do México: Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM) CEIALyC, 2010, v. 1, p. 377-400 (**Anexo 42**). Fui convidada para os dois projetos pela inserção que eu tinha nos temas em tela.

Organizei com o professor chileno Eduardo Devés Valdés o livro “Pensamento latino-americano. Além das fronteiras nacionais.” Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 2010. 285p. (**Anexo 43**), no qual escrevi o capítulo “Ruy Mauro Marini: o exílio político e o surgimento de um latino-americanista.” In: Wasserman, Claudia; Devés-Valdés, Eduardo. (Org.). “Pensamento latino-americano. Além das fronteiras nacionais.” Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 2010, v. 1, p. 33-50 (**Anexo 44**). Nossa ideia era fazer um livro escrito por autores de vários países da América Latina que pudessem escrever sobre intelectuais que tiveram essa capacidade de ultrapassar as fronteiras do Estado Nacional e pensar nos problemas de toda a América Latina. Na convocatória do projeto, propúnhamos: “O projeto tem como objetivo permitir o debate sobre a produção dessas ideias [de um(a) pensador(a) que tenha sido capaz de ultrapassar o âmbito do Estado-nação, e tenha participado de redes intelectuais meta-nacionais], as condições que permitiram a emergência de um pensamento que reivindicava a dimensão latino-americanista, terceiro-mundista e/ou periférica, quais as conexões, redes e instituições que abrigaram esse tipo de argumentação.”

Essa pesquisa possibilitou-me também a aproximação com um grupo de investigadores que trabalha com história intelectual ibero-americana, coordenado pelo professor Francisco Martinho, Ângela de Castro Gomes, Américo Freire, Antônio Costa Pinto, Maria Helena Capelatto, Jorge Ferreira, entre outros. Esse grupo tem se reunido sistematicamente nos congressos da ANPUH e da AHILA.

Do pensamento nacional-desenvolvimentista ao pensamento neoliberal...

O projeto “Do pensamento nacional-desenvolvimentista ao pensamento neoliberal: a trajetória de um grupo de intelectuais marxistas” pretendia acompanhar historicamente o percurso de quatro intelectuais desde o início de sua trajetória de militância na POLOP (Política Operária) e profissional na Universidade de Brasília e, posteriormente, no exílio chileno e mexicano e depois no regresso ao Brasil. Procurava compreender a contribuição desses intelectuais à constituição de uma teoria original para explicar a América Latina, as disputas políticas e intelectuais nas quais eles se envolveram e suas dificuldades de reinserção nos ambientes acadêmicos e na militância política depois da anistia. Os desdobramentos dessa pesquisa fizeram-me retomar a reflexão a respeito das principais influências e dos eixos centrais dos debates intelectuais latino-americanos, a saber, a fórmula arquetípica de Sarmiento, “Civilização e Barbárie”, a proposta de Jose Martí baseada na proclama “Nuestra América Mestiça”, assim como voltar a refletir sobre o significado das

ideias nacionalistas elaboradas pelos intelectuais isebianos e sobre a polarização desenvolvimento X subdesenvolvimento, proposta pelos cepalinos. Outros debates, como acerca dos “modos-de-produção” no período colonial, a polêmica capitalismo X feudalismo, também foram retomados para compreender o percurso da Teoria da Dependência.

Como mencionei anteriormente, meu mais aprofundado contato com os autores da Teoria da Dependência foi na época da especialização na disciplina ministrada pela professora Céli Pinto – a primeira leitura havia sido na graduação. A partir da segunda metade dos anos 1980, esses autores, entretanto, praticamente desapareceram dos currículos da graduação e da pós-graduação. Sua intensa produção intelectual, elaborada e publicada no exílio e em espanhol, foi escassamente publicada no Brasil e seu prestígio no exterior (notadamente no Chile, México e Cuba) contrastava com a pouca importância dada a eles pelos cientistas sociais brasileiros.

Compreender os motivos das dificuldades de inserção dessas teses no meio intelectual brasileiro e os problemas enfrentados pelos intelectuais em questão para se reinserirem profissionalmente em nosso país tornou-se o motivo dessa pesquisa. Entre as razões para essas dificuldades, destaca-se a interdição ao marxismo nos anos 1980/90, uma forte adesão ao pós-estruturalismo e o rechaço às periodizações, às interpretações globais e à primazia das análises econômico-sociais.

As críticas ao neoliberalismo (desde o Caracazo de 1989, com a eclosão do Neozapatismo em 1994 e com a criação do Fórum Social Mundial em 2001) e a ascensão dos governos de esquerda na América Latina provocaram um revés nessas tendências e permitiram retomar contribuições esquecidas ou marginalizadas.

Acompanhar o périplo latino-americano desses intelectuais e retomar suas trajetórias me permitiu ultrapassar com eles as fronteiras do Estado nacional e voltar ao início desse percurso com a publicação de uma versão ampliada e revisada do primeiro capítulo da tese de doutorado: “Nações e Nacionalismos na América Latina (desde quando?): a questão nacional no pensamento latino-americano.” 1. ed. Porto Alegre: Linus Editores, 2013. 145p ([Anexo 45](#)).

Estudar essa trajetória me permitiu reunir em uma só pesquisa vários interesses, a saber, o percurso da historiografia latino-americana em sua oscilação entre reivindicar identidade própria e influenciar-se pelas teorias formuladas para explicar outras situações, o impacto da Revolução Cubana na esquerda latino-americana, as consequências da implantação das ditaduras de Segurança Nacional na América do Sul, o problema da instabilidade política dos países subcontinentais, entre outros.

Ainda a partir dessa pesquisa foram publicados o capítulo: “A trajetória de um grupo de intelectuais brasileiros, seu périplo latino-americano.” In: Luiz Estevam de Oliveira Fernandes. (Org.). História da América: historiografia e interpretações. .Ouro Preto: Edufop/PPGHIS, 2012, v. 1, p. 34-54 ([Anexo 46](#)) e os artigos: - “Transição ao socialismo e transição democrática: exilados brasileiros no Chile.” História Unisinos, v. 16, p. 82-92, 2012 ([Anexo 47](#)) e “Intelectuales y transición: años 1980 (Brasil y Argentina).” Cuadernos del CILHA, v. 14, p. 149, 2013 ([Anexo 48](#)). Para compreender a trajetória desses intelectuais utilizei o conceito de “grupo”, tal como ele é utilizado por Raymond Williams para a “Fração Bloomsbury” (Williams: 1999).

Os resultados mais recentes da pesquisa atual estão registrados nos artigos: “Transformações no Ensino Superior e interdição ao marxismo (Anos 1980).” Pacarina del Sur, v. 5, p. 1-9, 2014 ([Anexo 49](#)) e - “Democracia e ditadura no Brasil e na Argentina: o papel dos intelectuais.” Albuquerque: Revista de História, v. 6, p. 189-214, 2014 ([Anexo 50](#)) e no capítulo “Raízes do pensamento autoritário na América Latina”. In: Luciano Aronne de Abreu; Rodrigo Patto Sá Motta. (Org.). “Autoritarismo e Cultura Política.”. Porto Alegre/ Rio de Janeiro: Edipucrs/FGV, 2013, v. 1, p. 179-207 ([Anexo 51](#)).

A essa pesquisa associei outro interesse de investigação que trata do papel dos intelectuais na memória dos passados autoritários latino-americanos, na implantação de políticas públicas de memória, justiça de transição e de reparação. Esses temas estão vinculados, por sua vez, ao projeto Memória y Sociedad, rede da qual eu participo, coordenada pelo professor Ricard Vinyes, da Universidad de Barcelona. O grupo Memória y Sociedad tem organizado encontros de trabalho, congressos, reuniões e planeja publicar um dicionário vinculado ao tema a ser publicado por editora espanhola. Ainda junto com o professor Vinyes tive uma experiência de orientação conjunta – cotutela – que resultou na dupla diplomação de Caroline Silveira Bauer na UFRGS e na UB (Universidad de Barcelona), em 2011.

Outra produção bibliográfica

Paralelamente a esta produção, escrevi textos institucionais, prefácios, resenhas, capítulos de livros sob encomenda, alguns poucos textos em co-autoria com alunos – resultados de seus trabalhos de doutorado – editoriais em revistas acadêmicas e textos de divulgação ou comemorativos, todos devidamente registrados no Currículo Lattes, mas que não estão diretamente ligados às pesquisas que desenvolvi. São igualmente importantes, sobretudo, os prefácios e apresentações de livros resultados de teses de doutorado também registrados no currículo.

Enfatizo ainda como fundamentais na evolução de meu percurso acadêmico a organização de três dossiês na Revista Anos 90 do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS e os editoriais escritos com a finalidade de apresentar os dossiês.

Destaco essas publicações porque elas são frutos da intersecção das atividades que reputo as mais significativas da minha trajetória: - a organização dos dossiês é parte da divulgação dos resultados de minhas pesquisas em diálogo com outros historiadores e cientistas sociais que se dedicam ao mesmo tema; - reunir em um dossiê autores que se dedicam a mesma temática reflete a formação de redes intelectuais nas quais eu estou envolvida, sendo esse um tema de meu interesse e que sou, ao mesmo tempo, protagonista; finalmente, - a organização de um dossiê envolve trabalho administrativo na Revista e no Programa de Pós-Graduação, outra atividade que julgo como significativa em minha trajetória.

O primeiro dossiê aparece em 2003 e está intitulado “O ofício do historiador na América Latina”. Revista Anos 90 (UFRGS), v. 18, p. 5-16, 2003 ([Anexo 52](#)). Trata-se da apresentação do dossiê sobre Historiografia Latino-americana. Reuniu gente que faz parte comigo da ANPLHAC, da “Jornada de las Ideas” e das reuniões nos congressos da AHILA.

O segundo dossiê foi publicado em 2009: “Apresentação do Dossiê de História Intelectual Latino-Americana” (Revista Anos 90). 1. ed. Porto Alegre: Edufrgs, 2009. v. 1. 377p ([Anexo 53](#)), que foi dedicado à produção do grupo que participa do projeto “Redes Intelectuais e Espaços de Fronteira: ultrapassando o âmbito do Estado nacional”, (CAPES/Mercosul), do qual sou a coordenadora brasileira e que reúne universidades da Argentina, Brasil e Uruguai. Além do dossiê da Revista Anos 90, várias atividades, entre as quais outras publicações, congressos, supervisão de pós-doutorados, reuniões e disciplinas ministradas em conjunto são resultado desse convênio.

O terceiro dossiê será publicado em 2015 (segundo semestre) e é organizado por mim, professora Caroline Bauer (UFPEL) e professora Isabel Piper (USACH) com o tema do projeto “Memória y Sociedad”. O projeto reúne pesquisadores do mundo inteiro, sob coordenação do professor Ricard Vinyes, da Universidad de Barcelona, e se dedica à elaboração de um dicionário sobre o tema de passados traumáticos, justiça de transição, políticas públicas de memória e de reparação de danos às vítimas de ditaduras e regimes autoritários. Minha contribuição ao grupo tem sido com a pesquisa acerca do comportamento e dos discursos intelectuais na transição democrática dos anos 1980 na América do Sul.

Um quadro resumido das minhas pesquisas e das publicações resultantes pode ser expresso da seguinte maneira:

PESQUISA - TEMA	PRODUÇÃO INTELECTUAL DECORRENTE
A Revolução Mexicana (1910-1940): um caso de hegemonia burguesa na América Latina (Mestrado; 1986-1990)	• “1810,1910, 2010. Independencia, Revolución Mexicana, futuros de América Latina”. <i>Contrahistorias</i>, v. 11, p. 89-96, 2008 (B1). • “Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou porque voltar ao México 100 anos depois”, <i>Cadernos IHU Ideias (UNISINOS)</i>, v. 152, p. 1-23 em 2011 (B4).
A Questão Nacional na América Latina: México, Brasil e Argentina (Doutorado; 1994-1998)	• “A manutenção das oligarquias no poder: as transformações econômico-políticas e a permanência dos privilégios sociais”, publicado na <i>Revista Estudos Ibero-Americanos</i>, v. XXIV, n.2, p. 51-70, 1998. (A2) • “Identidade: conceito, teoria e história” na <i>Revista Ágora (UNISC)</i>, Santa Cruz do Sul, v. 07, n.2, 2001 (B4). • “Problemas teóricos que envolvem a questão da identidade coletiva e a formação de novas identidades”, <i>Revista Semina. Ciências Sociais e Humanas</i>, Londrina, v. 23, p. 93-100, 2002 (B1-Ensino). • “Palavra de Presidente” – Porto Alegre: Edufrgs, 2002, 199p. • “Os programas políticos e trajetória pública dos candidatos à sucessão das oligarquias no México, Brasil e Argentina no começo do século XX”. <i>Revista de História Comparada (UFRJ)</i>, v. 1, p. 2, 2007 (B2). • “Democracia na América Latina: limites e possibilidades”. In: Beatriz Teixeira Weber; Diorge Alceno Konrad. (Org.). <i>Visões do Mundo Contemporâneo. Caminhos, mitos e muros</i>. Santa Maria: Facos - UFSM, 2007, v. 1, p. 101-108.
Revolução Cubana: imprensa e historiografia (1999-2003)	• “A Revolução Cubana: 50 anos de imprensa e história no Brasil”. Porto Alegre: Edições EST, 2009. 157p. • “A recepção da Revolução Cubana: a historiografia brasileira.” <i>Estudios Interdisciplinarios de America Latina y el Caribe</i>, v. 18, p. 1-20, 2007 (B2). • “Historiografia sobre a Revolução Cubana no Brasil.” <i>História Caribe</i>, v. 1, p. 57-76, 2007 (B2). • “Cuba e a esquerda latino-americana. Entre o impacto da Revolução de 1959 e a Revolução bolivariana”. <i>Cahiers des Amériques Latines (Paris)</i>, v. 1-2, p. 75-87, 2009 (A1).
Movimentos Sociais e Esquerdas latino-americanas (2003-atualidade)	• “A esquerda latino-americana: cronologia, temas e problemas” <i>Ágora (UNISC)</i>, Santa Cruz do Sul, v. 09, n.1/2, p. 209-222, 2003 (B4).

	● "Movimientos indígenas do século XXI: referenciais históricas das lutas por Reconhecimento étnico, soberania nacional e defesa do patrimônio público". In: Antonio Escobar Ohmstede; Raúl Mandrini; Sara Ortelli. (Org.). Sociedades en Movimiento. Los Pueblos Indígenas de América Latina en el siglo XIX,. Tandil: Instituto de Estudios Histórico-Sociales, 2007, v. 1, p. 1-1. ● "Zapatismo". In: Francisco Carlos Teixeira da Silva; Alexandre Martins Vianna. (Org.). Enciclopédia de Guerras e Revoluções do Século XX. As grandes transformações do mundo contemporâneo.. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2004, v. 1, p. 953-954. ● "Neozapatismo". In: Francisco Carlos Teixeira da Silva. (Org.). Enciclopédia de Guerras e Revoluções do Século XX. As grandes transformações do mundo contemporâneo.. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2004, v. 1, p. 614-615. ● "Bolívia: História e Identidade. Uma abordagem sobre a Cultura e a Sociedade contemporâneas". In: Heloisa Vilhena de Araujo. (Org.). Os Países da Comunidade Andina. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2004, v. 1, p. 317-342. ● "Qualquer semelhança não é mera coincidência." Boletim Tempo Presente (UFRJ), v. 3, p. 1-3, 2008 (B4). ● "A esquerda na América Latina durante os séculos XX e XXI: periodização e debates" Diálogos (Maringá), v. 14, p. 19-38, 2010 (A2). ● "História, mito e política na América Latina." Boletim Tempo Presente (UFRJ), v. 1, p. 1, 2013 (B4)
Ditaduras de Segurança Nacional (2003-atualidade)	● "Ditaduras Militares na América Latina." 1. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. 215p. ● "O império da Segurança Nacional: o golpe militar de 1964 no Brasil." In Wasserman, C. & Guazzelli, C. A. B. "Ditaduras Militares na América Latina." Porto Alegre: Editora da Universidade, 2004, v. 1, p. 27-44. ● "O Golpe de 1964 - Tudo o que se perdeu." In: Enrique Serra Padrós. (Org.). As ditaduras de Segurança Nacional. Brasil e Cone Sul. .Porto Alegre: CORAG, 2006, v. 1, p. 55-62. ● "O Golpe de 1964: Rio Grande do Sul, "celeiro" do Brasil." In: Padrós, Enrique; Barbosa, Vânia; Lopez, Vanessa; Fernandes, Ananda. (Org.). A Ditadura de Segurança Nacional no Rio Grande do Sul 1964-1985. .Porto Alegre: 2009, v. 1, p. 51-71.
Percurso Intelectual e Historiográfico a respeito da Questão Nacional na América Latina (2003-2005)	● "Percurso intelectual e historiográfico da questão nacional e identitária na América Latina: as condições de produção e o processo de repercussão do conhecimento histórico." Revista Anos 90 (UFRGS), Porto Alegre, v. 18, p. 99-123, 2003. (A1) ● "Percurso intelectual latino-americanos: Nuestra América de José Martí e Ariel de Jose Enrique Rodó." Diálogos (Maringá), Maringá, v. 8, p. 51-66, 2004 (A2).

	● "Nacionalismo: origem e significado em Sérgio Buarque de Holanda, Samuel Ramos e Ezequiel Martínez Estrada." Revista Eletrônica da ANPHLAC, Internet, v. 3, p. 1, 2003 (B2). ● "Nacionalismo: origem e significado em Sérgio Buarque de Holanda, Samuel Ramos e Ezequiel Martínez Estrada." Universum (Talca. Impresa), Chile, v. 18, p. 305-321, 2003 (A2). ● "Identidade Nacional. O Brasil para seus intelectuais." Acervo (Rio de Janeiro), v. 19, p. 23-36, 2006 (B1). ● "Historiografia Latino-Americana da Questão Nacional: Nações Inacabadas; Inimigos da Nação e a Ontologia da Nacionalidade." In: Jurandir Malerba; Carlos Antonio Aguirre Rojas. (Org.). Historiografia Contemporânea em Perspectiva Crítica. Bauru: Edusc, 2007, v. 1, p. 259-286
Desenvolvimento e modernização: os eixos do debate intelectual e historiográfico nos anos 1950-1970 na América Latina" (2005-2008)	● "Perspectiva de los intelectuales, políticos y diplomáticos brasileños del desarrollo y de la integración latinoamericana (1945-1964)." Cuadernos sobre Relaciones Internacionales, Regionalismo y Desarrollo, Bogotá, Colombia, v. 5, p. 55-79, 2010 (B2 – Ciência Política). ● "A primeira fase da historiografia latino-americana e a construção da identidade das novas nações." História da Historiografia, v. 7, p. 94-115, 2011. (A1) ● "Júlio de Castilhos: o intelectual por trás do mito político." In: Prado, Maria Emilia. (Org.). Intelectuais e ação política. Rio de Janeiro: Revan, 2011, v. 1, p. 101-122.
Repertórios da esquerda latino-americana nos anos 1950-1970 – revolução social, pré-revolução, revolução e subdesenvolvimento – o debate intelectual marxista e a questão nacional (2008-2011)	● "Ideologia e política: o papel dos intelectuais orgânicos." In: Helder Gordim da Silveira; Luciano Aronne de Abreu; Jaime Valim Mansan. (Org.). História e Ideologia: perspectivas e debates. Passo Fundo: Editora Universidade de Passo Fundo, 2009, v. 1, p. 267-277. ● "Intelectuales y la cuestión nacional: cinco tesis respecto a la constitución de la nación en América Latina." In: Antonio Escobar Ohmestede; Romana Falcón Vega, Raymond Buve. (Org.). La arquitectura histórica del poder. Naciones, nacionalismos y estados en América Latina. Siglos XVIII, XIX, XX.. Cidade do México: CEDLA- El Colegio de México, 2010, v. 1, p. 111-136. ● "A Revista Brasiliense e os debates da esquerda brasileira entre 1950 e 1960." In: Regina Crespo. (Org.). Revistas en América Latina: proyectos literarios, políticos y culturales. Cidade do México: Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM) CEIALyC, 2010, v. 1, p. 377-400. ● "Pensamento latino-americano. Além das fronteiras nacionais." 1. ed. Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 2010. 285p. ● "Ruy Mauro Marini: o exílio político e o surgimento de um latino-americanista." In: Wasserman, Claudia; Devés-Valdés, Eduardo. (Org.). "Pensamento latino-americano. Além das fronteiras nacionais." Porto Alegre: Editora da Ufrgs, 2010, v. 1, p. 33-50.

Do pensamento nacional-desenvolvimentista ao pensamento neoliberal: a trajetória de um grupo de intelectuais marxistas (2011-2013)

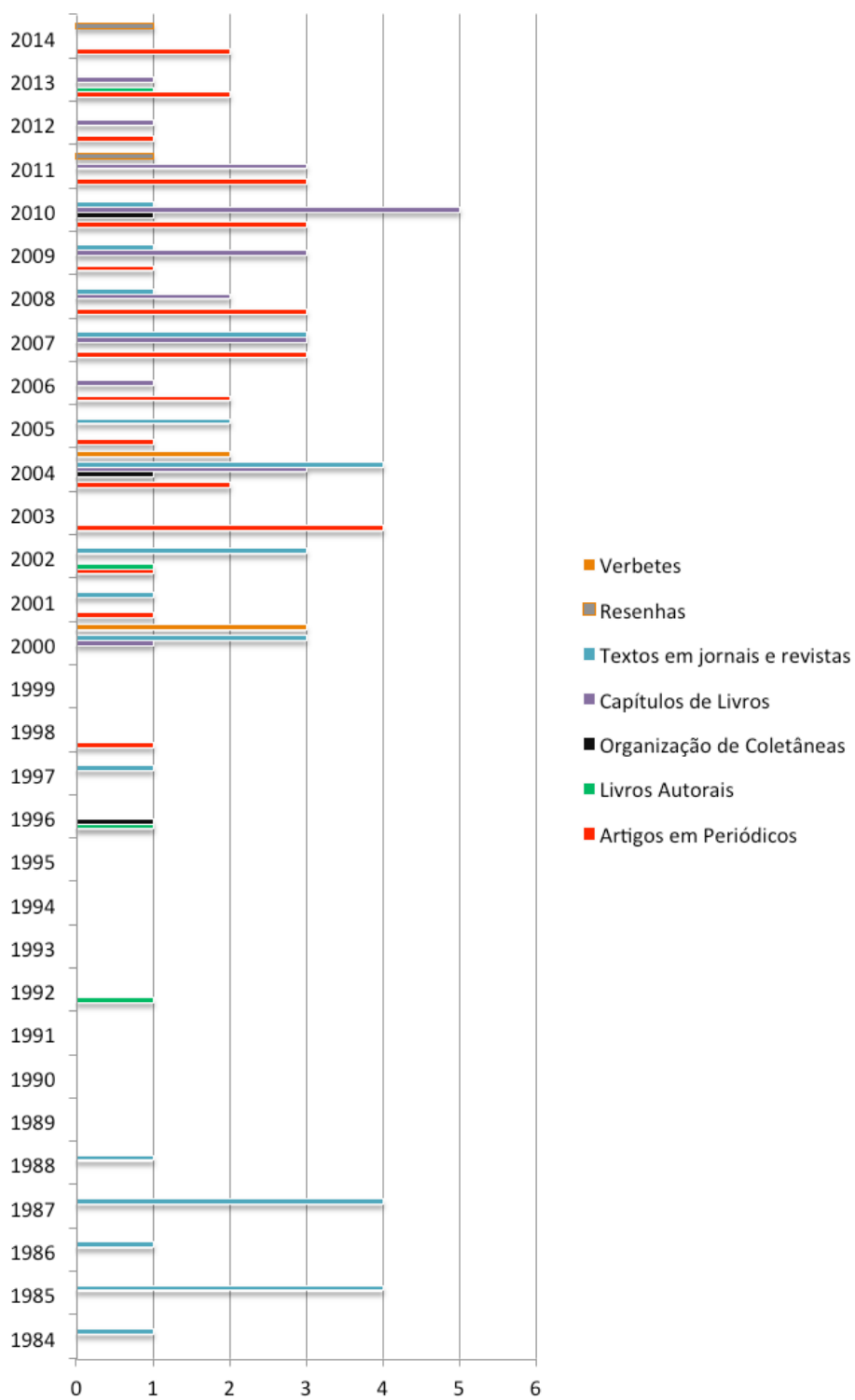
- “Nações e Nacionalismos na América Latina (desde quando?): a questão nacional no pensamento latino-americano.” 1. ed. Porto Alegre: Linus Editores, 2013. 145p.
- “A trajetória de um grupo de intelectuais brasileiros, seu périplo latino-americano.” In: Luiz Estevam de Oliveira Fernandes. (Org.). História da América: historiografia e interpretações. .Ouro Preto: Edufop/PPGHIS, 2012, v. 1, p. 34-54.
- “Transição ao socialismo e transição democrática: exilados brasileiros no Chile.” História Unisinos, v. 16, p. 82-92, 2012. (A1)
- “Intelectuales y transición: años 1980 (Brasil y Argentina).” Cuadernos del CILHA, v. 14, p. 149, 2013. (A2)
- “Transformações no Ensino Superior e interdição ao marxismo (Anos 1980).” Pacarina del Sur, v. 5, p. 1-9, 2014 (B5 – Ciência Política).
- “Democracia e ditadura no Brasil e na Argentina: o papel dos intelectuais.” Albuquerque: Revista de História, v. 6, p. 189-214, 2014 (B5).
- “Raízes do pensamento autoritário na América Latina”. In: Luciano Aronne de Abreu; Rodrigo Patto Sá Motta. (Org.). “Autoritarismo e Cultura Política.” .Porto Alegre/Rio de Janeiro: Edipucrs/FGV, 2013, v. 1, p. 179-207.

Um resumo quantitativo dessas atividades é expresso pelo quadro abaixo:

Artigo A1	4
Artigo A2	5
Artigo B1	3
Artigo B2	5
Artigo B3	0
Artigo B4	5
Artigo B5	2
Livros autorais	3
Organização de livro	2
Capítulo de livro	14
Verbetes	2
Organização dossiê	3

O gráfico abaixo pode sintetizar as atividades de comunicação à comunidade científica das pesquisas que desenvolvi e se refere ao número de publicações por ano:

Produção Intelectual



Creio que a principal contribuição de minhas pesquisas ao conhecimento histórico sobre América Latina está relacionada com a forma de abordagem, onde sobressai a complexa intenção de englobar esses espaços tão amplos, com diferenças tão acentuadas e, ao mesmo tempo, marcados por semelhantes processos de conquista, colonização, dificuldades políticas, ditaduras, dependência, atraso... Desde a Dissertação de Mestrado, passando por todas as minhas pesquisas e publicações houve um claro intuito de abarcar mais de um país do subcontinente, evitando justapor casos, mas procurando sempre conectar a história de cada país com o todo representado pela América Latina.

Busquei ultrapassar a atitude meramente comparativa ao estabelecer conexões que as historiografias nacionais esconderam. Procurei compreender e investigar a constituição de redes que atravessam as fronteiras nacionais, para além da compreensão de características comuns entre os países da América Latina. Nesse tipo de agenda investigativa não apenas os temas atravessaram as fronteiras (movimentos sociais, ditaduras, crise das oligarquias, identidade nacional, esquerdas), mas também os personagens dessas histórias movimentaram-se no espaço definido como América Latina: exílio, operação condor, intelectuais que atuaram em vários países, escritores de ficção a influenciar gerações inteiras em todo o subcontinente, revistas publicadas e lidas em vários países do subcontinente, filmes que atravessam as fronteiras, relações internacionais, globalização e neoliberalismo, bem como a constituição de redes intelectuais, políticas e familiares, são alguns dos objetos de pesquisa adequados a esse tipo de abordagem e que espero ter contribuído para explicar.

Entre outras contribuições de minhas pesquisas ao conhecimento histórico da América Latina, posso mencionar: uma proposta de periodização da trajetória das esquerdas latino-americanas e a crítica às características das esquerdas cristalizadas pela historiografia subcontinental; subsídio para compreender a gênese da identidade nacional nos países da América Latina; uma proposta de análise sobre história intelectual latino-americana a partir do estudo das redes intelectuais, da circulação de ideias e da constituição de um corpus teórico próprio para entender a América Latina e o mundo periférico como um todo.

Fazendo um balanço de minhas atividades de pesquisa e das publicações delas decorrentes, posso dizer que me sinto plenamente satisfeita com os resultados desse percurso, pois pratiquei o que considero dever do professor universitário lotado em rede pública de Ensino Superior: desenvolver pesquisas e divulgar os resultados. Acredito que muitas vezes as publicações apresentaram resultados em estágios iniciais e por isso tiveram nova versão, sempre devidamente identificada ou previamente autorizada. As publicações mais preliminares estiveram sujeitas a críticas, porém, considero necessário publicar e divulgar os resultados do trabalho realizado. Reiterando: pesquisar, escrever e difundir os resultados são as nossas tarefas e nosso dever como profissionais do Ensino Superior.

Atividades de ensino e material didático

Mestre não é quem sempre ensina, mas quem, de repente, aprende.

Guimarães Rosa

Minhas atividades docentes tiveram início em março de 1982 no curso “Supletivo do Universitário”, nivelamento hoje chamado de “Educação de Jovens e Adultos” ([Anexo A](#)). Essa foi a primeira e uma das experiências mais gratificantes em termos de ensino que eu tive. Foi fundamental para aquisição de uma habilidade muito importante na docência em todos os níveis: recém-egressa da Universidade, tive que adaptar a linguagem para que meus alunos compreendessem o que eu dizia sem perder consistência. Além disso, esse primeiro trabalho revestiu-se de importância porque eu nunca mais me afastei totalmente da empresa educacional, proprietária daquele curso “Supletivo”.

Ali lecionei para turmas de cursinho pré-vestibular, escola de Ensino Médio e hoje sou responsável pela Coleção de História do material didático de Ensino Fundamental e Médio do Colégio João Paulo II, pertencente à mesma empresa educacional, e que é usado em mais de 10 escolas no estado do Rio Grande do Sul.

Entre 1982 e 1988, fui docente em escolas de Ensino Médio, cursos pré-vestibular ([Anexo B](#)) e iniciei minha trajetória no Ensino Superior, tendo uma experiência na Universidade de Passo Fundo e outra na UNILASALLE.

Em Passo Fundo ([Anexo C](#)) assumi a disciplina de História do Brasil e tive a oportunidade de desenvolver um projeto de pesquisa – exigência para cumprimento de carga horária – e que tinha como foco o levantamento dos acervos históricos existentes no município.

A experiência docente na UNILASALLE ([Anexo D](#)) foi mais extensa. Eu lecionei as disciplinas de História Moderna, de História contemporânea e de Organização Social e Política do Brasil, que versava sobre História do Brasil. Apesar de carga horária elevada, a experiência didática em diversas áreas foi fundamental para o meu crescimento profissional.

Em 1988, fiz concurso de provas e títulos para professor auxiliar na UFRGS na área de História da América ([Anexo E](#)) e fui classificada em primeiro lugar, tendo assumido a

responsabilidade de, desde então, lecionar História da América, predominantemente contemporânea.

A partir de 1998, a experiência docente estendeu-se à pós-graduação, onde ministrou sistematicamente disciplinas de duas linhas de pesquisa: Teoria da História e Historiografia e Relações de Poder Político e Institucional.

Fui professora do Mestrado em Relações Internacionais entre 2007 e 2012, onde lecionei três vezes a disciplina “História Contemporânea da América Latina”, um seminário de 30 horas voltado para as relações interamericanas.

Mais recentemente, em 2014 passei a integrar o Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA), onde lecionei a disciplina “Metodologia do Ensino de História: professor/pesquisador, pesquisador/professor”, uma das experiências mais formidáveis do meu portfólio didático e que eu reputo da maior importância social.

Tive uma experiência de ensino na Universidade de Estocolmo ([Anexo F](#)), na condição de professora visitante, entre agosto e setembro de 2008. Ali ministrei durante cinco semanas um curso intensivo de História Contemporânea da América Latina, no âmbito do programa Linneaus Palm, ligado ao curso de Mestrado em Relações Internacionais da UFRGS. A disciplina foi ministrada em inglês, o que me trouxe também bastante satisfação pessoal e muito trabalho. Além disso, ministrei cursos de curta duração no Brasil e no exterior, palestras, conferências e aulas inaugurais que também compuseram a experiência em ensino ([Anexo G](#)).

Acredito que a variedade de disciplinas ministradas e a diversidade de públicos – desde a “Escola Básica”, passando pela “Educação de Jovens e Adultos”, até a Universidade privada e pública – ajudaram a temperar minha capacidade didática. Sinto prazer em lecionar e produzir materiais didáticos, desde pequenos folhetos, papers, power points, polígrafos e manuais. Utilizo atualmente, de modo sistemático, recursos digitais para apoio didático, tais como Plataforma Moodle, Facebook, página pessoal da UFRGS, Research Gate, entre outros.

As experiências de ensino na UFRGS foram as mais significativas desse percurso. Lecionei principalmente a disciplina História da América III, que cobre o período que vai da crise dos Estados Oligárquicos até atualidade. Ministrei essa disciplina cerca de quinze vezes desde 1989 (contando os 25 de UFRGS e descontando os anos de licença-maternidade, doutorado, pós-doutorado e quando tive cargos administrativos que me impediram

de ministrar a disciplina). Essa experiência possibilitou-me manter uma atualização bibliográfica sobre a história contemporânea dos cerca de vinte e poucos países da América Latina e, ao mesmo tempo, identificar lacunas e debates historiográficos que se transformaram em interesses de pesquisa.

A docência foi, muitas vezes, o gatilho para a elaboração dos projetos de investigação. Não por acaso, meus temas de pesquisa são, simultaneamente, conteúdos obrigatórios da disciplina: Revolução Mexicana, Crise do Estado Oligárquico, Identidade nacional, nacionalismo, Revolução Cubana, ditaduras de Segurança Nacional, intelectuais latino-americanos, Teoria da Dependência, movimentos sociais e esquerdas na América Latina. Ao mesmo tempo, meus alunos foram acompanhando meu percurso de investigação e atribuo a isso a coincidência entre os seus interesses de pesquisa e as minhas preferências de pesquisa, evidenciados na próxima parte desse memorial.

A produção de material didático surgiu desde o início da minha trajetória e eu não tinha ideia de que essa atividade viria adquirir tanta importância para minha trajetória mais de 30 anos depois, quando assumi como docente no PROFHISTÓRIA (2014) e passei a me preocupar mais de perto com Ensino de História, Metodologia do Ensino de História, livros didáticos, entre outros aspectos ligados ao processo ensino-aprendizagem na Educação Básica. Comecei a escrever muito tempo antes de fazer pesquisa em história. Minha primeira incursão na escrita foi a partir da necessidade de produzir material didático para as instituições de ensino nas quais eu trabalhei antes de fazer pesquisa.

Produzi material didático para o Supletivo do Universitário, Curso Pré-Vestibular, material para palestras e hoje sou responsável pela coleção de História do Colégio João Paulo I, do 5o. ano do ensino fundamental até o 2o. ano do Ensino Médio ([Anexo I](#)).

Outra atividade que despontava era a da redação para público mais geral, didática complementar à sala de aula em jornais e revistas, quase sempre sobre América Latina, tema pouco explorado no Ensino Médio. Escrevi cerca de 30 textos para jornais e revistas.

No Jornal do Universitário, mantive uma coluna sobre história da América Latina entre 1985 e 1987, onde publiquei os seguintes textos “O Caudilhismo na América Latina”, 1987, v. IX, p. 4 – 4; “A Formação das Nações Latino-Americanas”, Porto Alegre, 1987, v. I, p. 15 – 15; “A Inquisição na América Espanhola”, 1987, v. IX, p. 2–2; “O Capitalismo na América Latina”, Porto Alegre, 1987, v. IX, p. 4; “A Integração Latino-Americana”, 1986 v. I, p. 15 – 15; “Índio - O Mito do Europeu”, Porto Alegre, 1986, v. VIII, p. 2–2; “A Colonização da América Espanhola”, Porto Alegre, 1985, v. VIII, p. 2–2; “A Revolução

Farroupilha: Um Movimento de Elites”, Porto Alegre, 1985, v. VIII, p. 5–5; “As Independências da América Espanhola”, Porto Alegre, 1985, v. VII, p. 2–2 (**Anexo II**).

No Jornal Zero Hora, periódico diário de grande circulação, publiquei os textos: “De Viena à Praça da República”, p. 08, 19 fev. 2006; “Vocação Populista, mas não Demagógica”, p. 10 - 10, 15 out. 2005; “Covardia em Nome da Civilização”, p. 6, 15 jan. 2005; “O verde-amarelo e a emoção de ser brasileiro” p. 04, 19 nov. 2002; “Crise Argentina: de quem é a culpa?”, p. 07, 19 jan. 2002; “A Nação nasce nos discursos”, p. 07, 02 nov. 2001; “Nação e Brasilidade”, p. 07, 22 set. 2001; “1964: Como os brasilianistas interpretaram o regime militar”, p. 4–5, 27 mar. 2004 (**Anexo III**).

No Jornal da Universidade, publiquei os seguintes textos: “Feriados Cívicos: a história da devoção à identidade nacional”, p. 2, 01 nov. 2007; “Golpe Militar de 1964: o império da segurança nacional”, p. 5, 02 fev. 2004; “A Globalização não é uma via de mão única”, p. 06, 30 nov. 2000; “Ditadura eleitoral ou consenso?”, p. 04, 14 abr. 2000 (**Anexo IV**).

Na revista do sindicato dos professores da UFRGS, Adverso, publiquei: “Getúlio Vargas: temido ou amado? A construção de um mito político”, p. 5, 15 ago. 2004 e “Integração Latino-Americana”, v. I, p. 3 (**Anexo V**).

Na Revista de Cultura Aplauso, publiquei: “Os usos políticos do passado”, p. 53 - 55, 01 out. 2007 e “Uma tradição política regional - Leonel Brizola e a Cultura nacional”, p. 57, 07 jul. 2004 (**Anexo VI**).

Em outras revistas e jornais, publiquei os textos: “Resenha: Cultura Subordinada e resistência cultural”, Le Monde Diplomatique (Brasil), São Paulo, p. 39 - 39, 01 nov. 2010; “Identidade Judaica”, Wizo em Revista RS Feira da Fraternidade 2009, Porto Alegre, p. 26, 10 jul. 2009; “Fronteiras da América Latina não são respeitadas”, Terra Magazine, São Paulo, p. 1, 08 mar. 2008; “América Latina em movimento. Algumas notas”, IHU On-Line Instituto Humanitas Unisinos - IHU, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos., São Leopoldo, p. 15 - 16, 26 mar. 2007; “A Revolução Mexicana: um movimento popular”, Jornal do Sul, Porto Alegre, p. 07 - 07, 15 jun. 1984 (**Anexo VII**).

Destaco o texto publicado em revista mexicana de grande circulação e consumida pelos docentes da rede pública de ensino no país: “La enseñanza de la história de América Latina”, Correo del Maestro, Cidade do México, p. 23 - 26, 01 nov. 1997 (**Anexo VIII**).

Publiquei materiais didáticos ou paradidáticos de nível universitário, entre os quais des-

taco o livro “História da América Latina: Cinco Séculos”, 01. ed. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996 (**Anexo IX**). O livro está na quinta edição e é adotado por muitos professores de história da América Latina em todo o país.

O primeiro livro didático de nível universitário foi “História Contemporânea da América Latina (1900-1930)”, Porto Alegre: EDUFRGS, 1992, também em segunda edição (**Anexo X**). O livro fez parte de um projeto com outros colegas de história da América Latina da UFRGS com o objetivo de compor uma coleção de três livros de síntese universitária sobre a história contemporânea da América Latina. Foram publicados outros dois livros que cobrem os períodos 1930-1960 e 1960-1990. Para completar a coleção, publiquei com o professor Cesar Augusto Barcellos Guazzelli o livro “História da América Latina: do descobrimento à 1900” Porto Alegre: EDUFRGS, 1996 (**Anexo XI**).

Outros materiais que têm interesse didático são: um capítulo intitulado “O livro didático: aspectos teórico-metodológicos relevantes na sua produção” In: Cesar Augusto Barcellos Guazzelli; Silvia Regina Ferraz Petersen; Benito Bisso Schmidt; Regina Célia Lima Xavier. (Org.). Questões de Teoria e metodologia da História. Porto Alegre: Edufrgs, 2000, p. 249-256 (**Anexo XII**); os verbetes “Peronismo”, “Justicialismo” e “Juan Domingos Perón” In: Francisco Carlos Teixeira da Silva; Sabrina Evangelista Medeiros; Alexander Martins Vianna (Org.) Dicionário Crítico do Pensamento da Direita. Rio de Janeiro: Mauad, 2000, v. , p. 359-362 (**Anexo XIII**); o capítulo “O Rio Grande do Sul e as elites gaúchas na Primeira República: guerra civil e crise no bloco do poder” In: Luiz Alberto Grijó; Fábio Kühn: Cesar Augusto Barcellos Guazzelli; Eduardo Santos Neumann (Org.) Capítulos de História do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2004, v. 1, p. 273-290 (**Anexo XIV**); o capítulo “Legalidade: o conceito e suas nuances entre agosto e setembro de 1961” In: Wasserman, Claudia; Noll, Maria Izabel; Brandalise, Carla; Grijó, Luiz Alberto. (Org.). “O Movimento da Legalidade: Assembléia Legislativa e Mobilização Política” Porto Alegre: Webprint, 2011, v. 1, p. 61-74, em um livro onde também atuei como organizadora (**Anexo XV**).

Algumas publicações foram decorrentes das mostras de cinema e realizadas em coautoria com alunos: com Gerson Fraga – “Canções e revoluções na América Latina: a luta sandinista na Nicarágua” In: Cesar Augusto Barcellos Guazzelli; Charles Sidarta Machado Domingos; José Orestes Beck; Rafael Hansen Quinsani (Orgs.) A prova dos nove: a história contemporânea no cinema. Porto Alegre: EST, 2009, v. 1, p. 145-163; com Cássio Pires – “Bolívia: a guerra do gás. uma reflexão acerca das contradições entre a democracia e o capitalismo na Bolívia do século XXI” In: Cesar Augusto Barcellos Guazzelli; Enrique Serra Padrós (Orgs.) Conflitos periféricos no século XX. .Porto Alegre: Armazém Digital,

2008, v. 1, p. 13-24; e com Clarissa Brasil – “Vai trabalhar vagabundo: a homenagem ao malandro” In: Padrós, Enrique Serra; Guazzelli, Cesar Augusto Barcellos. (Org.) 68: História e cinema. Porto Alegre: Est Editora, 2008, v. 1, p. 85-91 (**Anexo XVI**).

Destaco na elaboração e publicação de materiais didáticos o folheto “Amigos da Escola” e os livretos “João Paulo Faz História” e “João Paulo é História”. Os três constituíram atividades importantes da experiência em produção de material didático (**Anexo XVII**).

Um resumo quantitativo das publicações dessa natureza didática ou de divulgação é expresso pelo quadro abaixo:

Artigo em jornal	22
Artigo em revista	9
Verbetes	2
Livro autoral	1
Livro organizado	2
Livro Coautoria	1
Capítulo de livro	3
Mostra cinema	3
Material Didático	9

Ao rever o meu percurso na docência e na produção de materiais didáticos julgo ter contribuído na formação de uma parcela significativa de professores de história do estado do Rio Grande do Sul que hoje se dedicam à Educação Básica e Superior, o que é socialmente muito importante. Mas, também me gratifica imensamente encontrar meus ex-alunos do Ensino Básico, que se formaram médicos, engenheiros, jornalistas ou que hoje se dedicam ao comércio e outras atividades. Consigo ver neles o quanto um professor de história dos anos iniciais pode influenciar a vida e a consciência social de seus alunos. Então penso que formar professores de história pode multiplicar exponencialmente esse predicado de formar cidadãos socialmente comprometidos, o que me satisfaz imensamente.

Formação de quadros profissionais

Nós somos aquilo que fazemos repetidamente. Excelência, então, não é um modo de agir, mas um hábito.

Aristóteles

Quando um estudante ingressa na Universidade, eu o considero um novo profissional, ainda em formação, mas certamente um colega de ofício, que, em primeiro lugar, merece todo o meu respeito e dedicação. Em segundo lugar, procuro assegurar que os novos profissionais, ou professores/investigadores em formação, exerçam democrática e livremente o espírito crítico necessário para a evolução contínua do ofício de historiador.

Meus alunos egressos da UFRGS já somam cerca de 800 professores de história, muitos dos quais seguiram os estudos fazendo Mestrado e Doutorado. A orientação na Iniciação Científica, no Mestrado e no Doutorado completa e aprofunda a experiência de docência. É muito gratificante ver a evolução dos estudantes que, na maior parte das vezes, chegam na Universidade sem ter a menor noção de como pesquisar. Depois de alguns anos, muitos dos meus alunos deram uma contribuição significativa para o conhecimento histórico de algumas áreas.

Entre os meus orientandos de Iniciação Científica (todos registrados no Relatório de Atividades Docentes – RAD), estão aqueles que ainda não se formaram e profissionais que seguiram os estudos no Mestrado ou Doutorado, e outros que são professores do Ensino Básico público ou privado: Luiza Flor Coester (01/04/2014 a 31/07/2015); Alice Schmitz Toldo (01/08/2013 a 31/07/2015); Aécio Diego Pereira Severo (01/08/2012 a 31/03/2014); Dionisyus Dias de Mattos (01/08/2012 a 31/07/2013); Guilherme Machado Nunes (01/08/2010 a 31/07/2012); Marla Barbosa Assumpção (01/12/2008 a 31/07/2010); Cássio Felipe de Oliveira Pires (01/04/2005 a 30/11/2008); Graciene de Avila Machado (01/08/2007 a 31/12/2007); Davi Arenhart Ruschel (15/06/2002 a 31/03/2005); Fernanda Tondolo Martins (01/04/2001 a 30/09/2003); Clarissa Brasil (15/06/2002 a 31/12/2003); Mathias Seibel Luce (01/08/2001 a 31/03/2002); Jose Fabiano Gregory Cardozo de Aguiar (01/05/2000 a 31/12/2000); Edson Antoni (01/05/1999 a 31/12/1999).

Desses estudantes, duas permanecem em atividade de IC, enquanto os demais já ingressaram no mercado de trabalho: docentes do Ensino Básico, técnicos em assuntos edu-

cacionais da UFRGS, direção de escola, técnico em assuntos culturais do estado do RS, mestrandos, doutorandos.

Orientei ao todo vinte dissertações de Mestrado e dez teses de Doutorado (todos registrados no Relatório de Atividades Docentes – RAD – **Anexo MD**) com foco em pesquisas que versaram sobre ditaduras militares, intelectuais, movimentos sociais e esquerdas. Meus orientandos de Mestrado e Doutorado trabalham em escolas de Ensino Básico públicas ou privadas, instituições de pesquisa do estado do Rio Grande do Sul, instituições de Ensino Superior, entre outras.

MESTRADO

Marcus Vinicius Vianna. O governo brasileiro frente à nacionalização do gás boliviano em 2006: Uma Análise a partir da Teoria do sub-imperialismo brasileiro. 2015. (Mestrado em História) – UFRGS; **Denise de Oliveira de Rocchi.** O papel da identidade no Processo de Integração Regional: estudo de caso do Parlamento Juvenil do Mercosul. 2012. (Mestrado em Relações Internacionais) – UFRGS; **Davi Arenhart Ruschel.** Entre risos e prantos: as memórias acerca da luta armada contra a ditadura no Rio Grande do Sul. 2011. (Mestrado em História) – UFRGS; **Cassio Felipe de Oliveira Pires.** O signo da Liberdade e a execução do estado: o choque histórico-semântico do neoliberalismo por meio do Fórum da Liberdade de Porto Alegre (1988-1993). 2011. (Mestrado em História) – UFRGS; **Clarissa Brasil.** O brado de alerta para o despertar das consciências: uma análise sobre o Comando de Caça aos Comunistas no Brasil, 1968-1981. 2010. (Mestrado em História) – UFRGS; **Daniela Conte.** Nelson Werneck Sodré e as interpretações do Brasil (1958-1964). 2010. (Mestrado em História) – UFRGS; **Vicente Neves da Silva Ribeiro.** Petróleo e Processo Bolivariano: uma análise da disputa pelo controle do petróleo na Venezuela entre 2001 e 2003. 2009. (Mestrado em História) – UFRGS; **Ricardo Oliveira da Silva.** A questão agrária brasileira em debate (1958-1964): as perspectivas de Caio Prado Jr. e Alberto Passos Guimarães. 2008. (Mestrado em História) – UFRGS; **Leonardo Holzmann Neves.** O Uruguai e o Mercosul: governo e atores domésticos. 2008. (Mestrado em Relações Internacionais) – UFRGS; **Fernanda Soares Cardozo.** Protestar não é delito: a criminalização dos movimentos sociais na Argentina contemporânea - o caso do movimento piquetero (1997-2007). 2008. (Mestrado em História) – UFRGS; **Vicente Gil da Silva.** A Aliança para o Progresso no Brasil: de propaganda anticomunista a instrumento de intervenção política (1961-1964). 2008. (Mestrado em História) – UFRGS; **Salah Hassan Khaled Jr.** A construção da narrativa nacional: a escrita da nação em Barbosa, Martius e Varnhagen.. 2007. (Mestrado em História) – UFRGS; **Carla Cecília Campos Ferreira.** Ideologia bolivariana: as apropriações do legado de Simon Bolívar em

uma experiência de povo em armas na Venezuela. O caso da Guerra Federal 1859-1863. 2006. (Mestrado em História) – UFRGS; **Caroline Silveira Bauer**. Avenida João Pessoa, 2050, 3o. Andar: terrorismo de Estado e ação de polícia política do Departamento de Ordem Política e Social do Rio Grande do Sul (1964-1982). 2006. (Mestrado em História) – UFRGS; **Fernanda Tondolo Martins**. A Política Externa no Governo Fernando Henrique Cardoso: a articulação regional e a integração sul-americana (1995-2002). 2006. (Mestrado em História) – UFRGS; **Natália Pietra Mendéz**. Discursos e Práticas do Movimento Feminista em Porto Alegre (1975-1982). 2004. (Mestrado em História) – UFRGS; **Fabiana Ioris**. Com os olhos no Futuro: urbanização e modernidade no projeto editorial da Revista do Globo (1929-1935). 2003. (Mestrado em História) – UFRGS; **Manoela da Silva Pedroza**. Terra de resistência: táticas e estratégias camponesas no sertão carioca (1950- 1968). 2003. (Mestrado em História) – UFRGS; **Edson Antoni**. Os novos movimentos sociais latino-americanos: o Exército de Libertação Nacional e o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra. 2002. (Mestrado em História) – UFRGS; **Tatiana Machado Barboza**. Reconhecimento e diferenciação nos caminhos da integração: a identidade judaica nas colônias agrícolas da Jewish Colonization Association - Quatro Irmãos e Moisés Ville (1890-1930). 2002. (Mestrado em História) – UFRGS.

DOUTORADO

Ricardo Oliveira da Silva. Em busca na nação: interpretações da questão agrária brasileira em meados do século XX. 2013. (Doutorado em História) – UFRGS; **Cristiano Pinheiro de Paula Couto**. Intelectuais e exílios: confronto de resistências em revistas culturais Encontros com a Civilização Brasileira, Cuadernos de Marcha e Controversia (1978-1984). 2013. (Doutorado em História) – UFRGS; **Carla Ferreira**. A classe trabalhadora no processo Bolivariano da Venezuela. Contradições e conflitos do capitalismo dependente petrolero-rentista (1989-2010). 2012. (Doutorado em Programa de Pós-Graduação em História UFRGS) – UFRGS; **Mathias Seibel Luce**. A teoria do subimperialismo em Ruy Mauro Marini: contradições do capitalismo dependente e a questão do padrão de reprodução do capital. 2011. (Doutorado em História) – UFRGS; **Jorge Christian Fernandez**. Anclaos en Brasil: a presença argentina no RS (1966-1989). 2011. (Doutorado em História) – UFRGS; **Rodrigo Dias**. Imprensa revolucionária dos anos 1980: os intelectuais e suas formulações sobre a Revolução Brasileira. 2011. (Doutorado em História) – UFRGS; **Caroline Silveira Bauer**. 2011. (Doutorado em História) – UFRGS. Um estudo comparativo das práticas de desaparecimento nas ditaduras civil-militares argentina e brasileira e a elaboração de políticas de memória em ambos os países. **José Sávio da Costa Maia**. A Floresta, o desenvolvimento (in) sustentável e as novas fronteiras da sociodiversidade no vale do Rio do Acre na virada do século XX: o caso dos trabalhadores extrativistas. 2009.

(Doutorado em História UFRGS) - UFRGS; **Natália Pietra Méndez**. Com a palavra o segundo sexo: percursos do pensamento intelectual feminista no Brasil dos anos 1960. 2008. (Doutorado em História) - UFRGS; **Alessander Mário Kerber**. Representações das Identidades Nacionais argentina e brasileira nas canções interpretadas por Carlos Gardel e Carmem Miranda (1917-1940). 2007. (Doutorado em História) – UFRGS.

Um quadro resumido dos assuntos que orientei pode ser quantitativamente expresso assim:

ASSUNTO	MESTRADO	DOCTORADO
Intelectuais	5	5
Nação e Nacionalismo	5	1
Ditaduras	4	2
Movimentos Sociais e Esquerdas	6	2

Ainda supervisionei trabalhos de pesquisa de docentes em estágio de pós-doutorado, tais como:

- **Alejandro Morea**. “Los oficiales del Ejército Auxiliar del Perú en los Movimientos de Pueblo de La Rioja y Santiago del Estero de 1816”. Docente da Universidad Nacional de Mar del Plata (UNMDP). 2014. Conicet (Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas);

- **Nelson Asnis**. “Contestações á prática da Circuncisão no Judaísmo”. Psicanalista. 2014;

- **Diego Niemetz**. “Mujica Lainez y la Nueva Novela Histórica. Tradición y posmodernidad en el campo literario argentino”. Docente da Universidad Nacional de Cuyo (UNCUYO). 2013. Conicet (Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas);

- **Ramiro Zó**. “La nueva sensibilidad en el cono sur en discursos testimoniales: algunos casos en Argentina, Brasil y Chile”. Docente da Universidad Nacional de Cuyo (UNCUYO). 2013. Conicet (Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas);

- **Alejandro Paredes**. “Os autores brasileiros na rede de co-autoria de Mauricio López e as suas vinculações com ISAL (Igreja e sociedade na América Latina)”. Docente da Universidad Nacional de Cuyo (UNCUYO). 2012. Conicet (Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas);

- **José Pedro Cabrera Cabral.** “Intelectuais uruguaios marxistas: a terceira via”. 2007. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq);

- **Maria Emília Prado.** “Integração, povo e nação na concepção dos intelectuais No Brasil anos de 1955-60”. 2008, Docente da UERJ, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). (**Anexos P.D**)

O perfil atual de alguns dos meus ex-orientandos de Mestrado e de Doutorado é: três professores da UFRGS; dois professores da UFAC (Universidade Federal do Acre); um professor da UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul); um professor da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro); um professor da UFFS (Universidade Federal da Fronteira Sul); um professor da UFSM (Universidade Federal de Santa Maria); um professor da UFPEL (Universidade Federal de Pelotas); um professor do Colégio de Aplicação UFRGS; um historiador (técnico-científico do Estado RS); um Técnico em Assuntos Educacionais UFRGS; um diretor de Escola Ensino Básico Privado; quatro professores do Ensino Básico Privado; dois professores do Ensino Básico Público.

A formação de quadros profissionais de docentes universitários e de investigadores é uma das experiências mais frutíferas de minha trajetória. Tenho acompanhado o percurso desses colegas e me satisfaz imensamente observar sua evolução, vê-los amadurecer profissional e pessoalmente, seja ensinando, seja pesquisando, seja formando novas famílias.

Gerenciamento de projetos, trabalhos técnicos e participação em eventos

A vida é o que fazemos dela. As viagens são os viajantes. O que vemos não é o que vemos, senão o que somos.

Fernando Pessoa

Dentre as atividades de caráter técnico, eu destaco a minha participação como parecerista em revistas científicas, participação como membro de comissão científica de periódicos científicos e de sociedades, participação em eventos e curadoria de exposições, participação em bancas de Mestrado, Doutorado e em concursos para professor de história da América. Também realço a participação em eventos científicos da área, tais como encontros, congressos, seminários, simpósios.

Sou parte da Comissão Científica ou Editorial das seguintes publicações (**Anexo X**):

- Revista Contra-historia. La otra mirada de clio (México);
- Revista Pancarina del Sur (México);
- Revista Pasado Abierto (Argentina);
- WebMosaica (Brasil);
- Revista Perspectiva - Reflexões sobre a temática Internacional (Brasil);
- Revista Eletrônica da ANPHLAC (Brasil);
- Revista de Teoria da História (Brasil);
- Editorial Aves de Água (Brasil);
- Revista Maracanan (Brasil).

Fui editora da Revista Anos 90 (Programa de Pós-Graduação em História – UFRGS) durante os anos de 2010-2011, volumes 30-33 (**Anexo Y**).

Além de dar pareceres de mérito para projetos CNPq, CAPES e FAPERGS, fui parecerista nas seguintes atividades ao longo dos últimos anos: Consultor Externo Projetos de Pesquisa da UFRN (2012); Comitê Externo Programa de Bolsas PIBIC - UERJ (2011); Avaliação de periódicos para Comitê Consultivo SciELO Brasil (2010); Avaliador no Comitê Consultor Externo IC (2010); Comitê Externo de Avaliação PIBIC/CNPq (2009); Consultor externo do processo de avaliação de projetos de pesquisa da UFRN

(2007); Membro do Conselho Editorial da Coleção ANPUH/RS. (2005); Comitê Externo de Avaliação PIBIC/CNPq (2005). ([Anexos Z](#)).

Entre 1998 e 2000, fiz parte do grupo de trabalho que implantou o Memorial do Rio Grande do Sul. Esse trabalho foi muito importante para minha carreira, pois entrei em contato com outros profissionais, tais como, designers, artistas, jornalistas e publicitários. O trabalho em equipe foi muito gratificante e o resultado me pareceu surpreendente. Em 2004, fiz uma consultoria científica para a Exposição La Memória Herida de Salvador Allende e para exposição Anos Rebeldes ([Anexos W](#)).

Registrei no Lattes a participação em 33 bancas de Mestrado, 18 bancas de Doutorado e três bancas de concurso público para provimento de cargo de professor de história da América ([Anexos K](#)).

Participei, conforme registro no CV Lattes, de 70 eventos no Brasil e no exterior ([Anexos Q](#)), sempre com apresentação oral de trabalhos – em alguns deles fui palestrante convidada, em outros participei dos simpósios temáticos e mesas redondas – muitos dos quais com publicação de resumos ou textos expandidos. Essa infinidade de eventos me permitiu conhecer muitos pesquisadores que trabalham com os mesmos temas, difundir as minhas pesquisas e, sobretudo, submeter meu trabalho à crítica. Pelo fato de trabalhar com a história de outros países da América Latina, além do Brasil, a apresentação das pesquisas no exterior para colegas desses outros países é fundamental para garantir maior precisão e atualidade dos debates. É certo que quando encaminhamos artigos para revistas também recebemos dos pareceristas críticas que nos ajudam a desenvolver melhor certos pontos do trabalho etc. Nos eventos, por outra parte, se estabelece a possibilidade de diálogo, muitas vezes prolongado, com colegas que conhecem detalhes particulares dos temas em questão e têm boas ideias a compartilhar.

Entre os inúmeros eventos que participei, destaco aqueles onde tenho grupos fixos de compartilhamento de ideias e troca de experiências mais prolongadas:

- Congressos Internacionais da AHILA;
- Corredor de las Ideas;
- Colóquio Tradição e Modernidade no Mundo Ibero-americano;
- Encontros Internacionais da ANPHLAC;
- Encontros Internacionais do grupo “Redes Intelectuais e Espaços de Fronteira: ultrapassando o âmbito do Estado Nação”.

Destaco também entre as atividades coletivas a minha participação como coordenadora de um grupo do CNPq, o Grupo de Estudos Americanos, e a minha participação como membro de outros três grupos, a saber: Intelectuais e Poder no Mundo Ibero-americano, Laboratório de Estudos de História Política e das Ideias – LEHPI, e HEDLA - Núcleo de História Econômica da Dependência Latino-Americana. Destaco igualmente minha participação em grupos de pesquisa internacionais, a saber: membro do comitê assessor do Centro de Estudios Trasandinos y Latinoamericanos da UNCUIYO (Mendoza, Argentina), membro do grupo Memoria y Sociedad (Universidad de Barcelona), membro do grupo Etopías, Centro de redes intelectuales latino-americanas, da UNCUIYO (**Anexo G.P**).

Todas essas atividades são corriqueiras na vida de um docente do Ensino Superior, são praticamente compulsórias para aqueles que têm Bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq e são fundamentais para os que pretendem participar ativamente da área de conhecimento e auxiliar no controle da qualidade do trabalho a ser desenvolvido no seu campo de atuação. Por isso, ainda que muitas dessas atividades sejam bastante desgastantes, considero que cumpro o meu dever profissional ao realizar com a maior seriedade possível cada uma delas.

Atividades acadêmico-administrativas

Devia ter complicado menos, trabalhado menos. Ter visto o sol se pôr. Devia ter me importado menos com problemas pequenos.

Sérgio Britto

Não fui preparada (formada ou capacitada) para a atividade administrativa, mas costumo dizer que eu não teria sido feliz profissionalmente se minhas tarefas fossem circunscritas à pesquisa e à docência. Além de escrever, lecionar, orientar e investigar agrada-me o trabalho para o coletivo. Entusiasma-me organizar e criar estratégias para conferir mais eficácia às atividades-fim da Universidade, que são o ensino, a pesquisa e a extensão.

As atividades acadêmico-administrativas – ou como alguns preferem, a burocracia universitária – são decorrência de um alto grau de envolvimento com a Universidade. Acredito que a candidatura ao cargo de Professor Titular não pode prescindir desse quesito, sem o qual nenhum docente poderia almejar o topo da carreira, na medida em que se constitui na única maneira de transformar a instituição naquilo que aspiramos, uma Universidade de excelência equivalente às melhores do mundo.

Por isso, assumi vários cargos dentro da estrutura universitária, dentre os quais destaco (**Anexos a**).

- Coordenador substituto da Comissão de Graduação de História 01/01/2001 – 31/12/2002;
- Chefia do Departamento 01/08/1993 – 13/10/1993; 30/12/1993 – 28/01/1994; 30/08/1998 – 04/09/1998; 23/12/1998 – 06/01/1999; 23/12/1999 – 06/01/2000; 04/08/2002 – 03/08/2004; 04/08/2004 – 02/09/2004;
- Coordenação do Pós-Graduação 01/03/2005 – 31/03/2005; 01/04/2005 – 30/04/2005; 20/06/2005 – 19/06/2007;
- Vice-Direção do IFCH 24/12/2012 – 15/08/2014;
- Direção IFCH 22/03/2014 – 30/03/2014; 01/03/2014 – 08/03/2014; 21/01/2014 31/01/2014; 01/07/2013 – 10/07/2013; 03/03/2013 – 05/03/2013; 01/02/2013 – 28/02/2013;
- Representante docente no CEPE 08/05/2008 – 07/05/2010;

- Representante da CAMPG no CEPE 08/05/2012 – 07/05/2014; 08/05/2014 – 07/05/2014;
- Membro da Câmara de Pós-Graduação 08/05/2012 – 07/05/2014; 08/05/2014 – 07/05/2016;
- Comissão Especial Lato Sensu 08/05/2014 – 07/05/2016;
- Presidente da Câmara de Pós-Graduação 08/05/2014 – 07/05/2016;
- Comissão de Diretrizes do Ensino, Pesquisa e da Extensão 08/05/2014 – 07/05/2016;
- Conselho Universitário 08/05/2014 – 07/05/2016.

Entre outubro de 1988 e agosto de 1993 participei de comissões acadêmicas variadas e observei muito a estrutura universitária. Meus dois filhos nasceram neste período, Tiago em 1989 e Lúcia em 1992. Entre as licenças-maternidade, assumi algumas tarefas, como julgamento das candidaturas a ingresso extra-vestibular, atividades da Comissão de reestruturação curricular, mas fui poupada dos cargos eletivos. A partir de agosto de 1993 fui chefe interina do Departamento de História por diversas ocasiões sempre com objetivo de auxiliar colegas em férias ou afastados por outros motivos. Também assumi a Coordenação Adjunta da Comissão de Graduação de História por dois anos. Candidatei-me efetivamente a Chefa do Departamento de História por um período de dois anos em agosto de 2002, no qual permaneci até setembro de 2004. A partir de então, não tive mais praticamente um dia sem atividade administrativa na UFRGS.

A estrutura universitária tem uma característica particular, por vezes conflitiva com a minha personalidade. Enquanto a primeira é lenta e reflexiva, a segunda é imediatista e impulsiva. Esse embate entre as características da organização acadêmica e as particularidades da minha personalidade resultou em algumas frustrações. As reuniões são quase sempre longas, às vezes conturbadas, e frequentemente inconclusivas. As decisões tomadas vagarosa e refletidamente muitas vezes não saem das atas para a prática. Paradoxalmente, esse processo ensinou-me a ter paciência e ser mais tolerante com as opiniões alheias, mesmo quando tenho certeza do acerto de minhas propostas. Além disso, pude perceber como é difícil romper certas práticas arraigadas, mas também como é gratificante quando conseguimos implantar novas condutas e obter resultados favoráveis.

Em termos gerais, sempre tive ótimo relacionamento e encarei como desafio o convívio com interesses variados e com os diferentes grupos que compõem a estrutura universitária: estudantes, professores e funcionários.

O convívio e o apoio dos funcionários sempre foram os pontos mais gratificantes dos cargos que ocupei. Devo muito do meu conhecimento sobre a estrutura da Universidade

a Ilga Schauren, secretária administrativa do IFCH, e ao secretário do Departamento de História, Paulo Terra. Na coordenação da Pós-Graduação, cargo mais difícil de todos que ocupei na Universidade, recebi a colaboração de Marília Marques Lopes e atualmente aprendo todos os dias com Margareth Carvalho Amadori, a fiel secretária da Câmara de Pós-Graduação.

Quem me impeliu a assumir praticamente todas essas atividades e que, suponho, acredita mais na minha capacidade administrativa do que eu mesma, foi meu colega e amigo, o professor Temístocles Cezar. Devo a ele o estímulo e o companheirismo que me permitem enfrentar com menos ansiedade todas as tarefas decorrentes dos cargos que tenho ocupado ultimamente.

Meu mandato à frente da Coordenação do Programa de Pós-Graduação em História (2005-2007), o mandato como membro da Câmara de Pós-Graduação da UFRGS (2012-2014) e o mandato como Presidente da Câmara de Pós-Graduação da UFRGS são, seguramente, minhas experiências acadêmico-administrativas mais positivas e de maior satisfação pessoal.

Como eu já havia mencionado, em 1986 fui selecionada em primeiro lugar para integrar o corpo discente da primeira turma do PPG História da UFRGS. Em 2006, estava à frente da coordenação do mesmo programa e pude levar adiante a comemoração dos vinte anos de sua existência. Conduzi um Seminário de Avaliação dos vinte anos de funcionamento do programa e a edição de um número especial da Revista Anos 90, v. 13, n. 23/24 – Dossiê 20 Anos do PPG História (**Anexo 54**). Essa coincidência teve significado simbólico especial para mim: experimentei a sensação de estar exatamente no lugar do mundo onde eu deveria estar. Além disso, com a comissão coordenadora e o coordenador adjunto, professor Benito Schmidt, implantamos a página eletrônica do programa e a Revista Anos 90 passou a ter versão igualmente eletrônica, introduzimos o processo de publicação das teses e dissertações através do sistema de bibliotecas da UFRGS, organizamos e consolidamos os colóquios de Mestrado (que mais tarde dariam origem à qualificação de Mestrado), organizamos a fixação de um calendário e ajudamos a qualificar atividades administrativas e burocráticas essenciais ao bom desempenho acadêmico do programa.

A experiência da Câmara de Pós-Graduação (CAMPG), tanto como membro, como na Presidência da mesma constitui o coroamento da minha predileção pelo sistema de pós-graduação. Muito embora eu tenha consciência da importância da graduação no plano educacional do país, aprecio no sistema de pós-graduação a possibilidade de reunir o ensino, a pesquisa e a formação de quadros de alto nível. Também atribuo minha preferência

pela pós-graduação ao fato de o sistema ser relativamente recente no Brasil⁵, o que coloca para toda a comunidade acadêmica o desafio da construção, aperfeiçoamento e consolidação de princípios, preceitos, normas e regulamentos desse nível de ensino. Finalmente, admiro no sistema de pós-graduação o sofisticado sistema de avaliação baseado no julgamento por pares como critério para a distribuição dos recursos públicos.

Tanto como membro da CAMPG, como na Presidência da Câmara, tenho a atribuição de propor diretrizes específicas à pós-graduação da Universidade, normas específicas para as atividades de pós-graduação, apreciar matérias referentes ao ensino de pós-graduação e sua administração, além de coordenar, acompanhar e estabelecer mecanismos de controle e aperfeiçoamento do processo de avaliação das atividades e cursos de pós-graduação de toda a UFRGS. Como presidente da CAMPG tenho igualmente auxiliado a Pró Reitoria de Pós-graduação em todos os assuntos relativos ao bom andamento dos programas da Universidade.

A auto-avaliação de minhas atividades acadêmico-administrativas é satisfatória. Além de ser uma tarefa que me agrada, mesmo que diminua o tempo da pesquisa e da docência, julgo conseguir resolutividade relativamente alta para assuntos e problemas variados, seguindo em qualquer circunstância todos os preceitos e procedimentos das normas acadêmicas institucionais. Mesmo assim, ainda me parece que a engrenagem é muito lenta, que poderia ser menos burocrática, sem comprometer a qualidade e os controles necessários. Adquiri, assim mesmo, um amplo conhecimento sobre a gestão acadêmica e consigo compreender e pensar na inserção da Universidade no plano político/educativo nacional e internacional.

Avaliação da área

O presente é tão grande, não nos afastemos. Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.

Carlos Drummond de Andrade

A pirralha que veraneava em Capão da Canoa, militava no movimento estudantil, frequentava os bares da Oswaldo Aranha nos anos 1980 e queria ser uma boa professora de história depois de ter abandonado o sonho de ser médica ou arquiteta, não poderia nem sonhar que um dia iria representar por duas vezes consecutivas a área de história junto à CAPES (**Anexos 8**).

Em 2008 fui convidada pela professora Raquel Glezer para fazer parte do Comitê de Avaliação da área de História da CAPES. Participei em 2009 da avaliação continuada da área como uma espécie de “treinamento” para a avaliação trienal que seria feita no ano seguinte, em 2010. O triênio (2007-2009) introduzira uma novidade, ainda muito incipiente, que havia sido muito demandada pela área, inclusive quando eu era Coordenadora de Programa e participava das reuniões do Fórum de Coordenadores: a avaliação de livros e capítulos. Além disso, notava-se uma exigência cada vez maior por parte da agência por transparência e por objetividade na avaliação.

Tive um desempenho bastante proativo na comissão trienal, pelo que fui indicada pela própria professora Raquel Glezer e pelo seu adjunto, o professor Luis Carlos Soares, para integrar a representação de área no próximo triênio. O professor Carlos Fico, que também participara da avaliação 2007-2009, e eu fomos eleitos pela comunidade acadêmica e indicados pela Direção de Avaliação (DAV) da CAPES, respectivamente, como Coordenador e Coordenador Adjunto da área de História para o triênio (2010-2012).

Foram anos de intenso trabalho: julgamento dos Cursos Novos (acadêmicos e profissionais), avaliação de Minter e Dinter (Mestrado e Doutorado Interinstitucional), avaliação dos programas, visitas aos programas indicados pela trienal e visitas solicitadas pelos programas para resolver assuntos pontuais, organização e coordenação do Qualis periódicos da área, interlocução com o Fórum de Coordenadores, encaminhamento dos pedidos de recursos para organização de eventos, participação individual de pesquisadores em eventos no exterior, bolsas de doutorado pleno, pós-doutorado e estágio sênior, e, sobretudo, a

implantação mais definitiva do sistema de avaliação de livros e capítulos de toda a área de história.

Uma das qualidades mais evidentes dessa gestão como Representantes da Área de História da CAPES foi a de estabelecer procedimentos de avaliação que se pautassem pela transparência, objetividade e equanimidade. A avaliação da produção intelectual, sobretudo, expressou essas metas: as informações relativas a cada programa são públicas e objetivas. Criamos tabelas de pontuação da produção intelectual que expressam exatamente o que foi produzido pelos programas e que permitiram a criação dos estratos de avaliação.

Buscamos aprimorar e consolidar os procedimentos da avaliação da produção intelectual que no passado eram, no nosso entendimento, impressionistas e imprecisos. Com isso, cumprimos o que é preconizado pela avaliação como um todo: atendemos a um conjunto de indicadores e regras claros observados por todos os comitês na avaliação dos programas. Essas regras atendem a padrões de qualidade aceitos internacionalmente e impõem parâmetros para a avaliação do desempenho dos professores, dando ênfase para sua produção acadêmica. Temos ainda um longo caminho pela frente na discussão do que tem sido chamado de “produtivismo”, em contraposição a uma avaliação qualitativa. Assim mesmo, do meu ponto de vista, as medidas já implementadas constituem um importante passo para o debate.

Finalmente, tivemos sucesso na indução da criação do Mestrado Profissional em Ensino de História, o PROFHISTÓRIA, programa em rede nacional, que congrega 12 IES (Instituições de Ensino Superior), com mais de 50 docentes e cerca de 190 vagas para professores de história da Educação Básica em atividade na escola pública e que, nesta condição, tem garantida a bolsa de estudos da CAPES.

Todo esforço e trabalho na CAPES nos valeu a recondução para mais um mandato à frente da área por um período de quatro anos (2013-2016), quando, então, pretendemos consolidar o trabalho já realizado e aperfeiçoar ainda mais o diálogo entre a área de história e a comunidade científica nacional.

Apreciar mais de perto e avaliar os 64 programas de pós-graduação em História do país, conhecer os seus docentes e suas pesquisas, as revistas e os livros da área e, além de tudo isso, ainda poder influir nas metas de institucionalização da pesquisa como atividade permanente e sistemática das Universidades, é bem mais do eu poderia esperar desta jornada profissional. Valeu!

Notas

1. Em referência à frase de Fernand Braudel acerca do Mediterrâneo em sua autobiografia intelectual.

2. Expressão em latim, cunhada pelo filósofo e orador romano Cícero (Marcus Tullius), que significa “história mestre da vida”, sugere a ideia de que o estudo do passado pode servir de lição para as ações humanas, no presente e no futuro.

3. Foi nesta conjuntura, em 1993, que Jorge G. Castañeda (a edição que possuo é de 1994) lançou o livro “Utopia Desarmada”, um libelo da era pós-moderna, que saudava o fim das lutas inspiradas na Revolução Cubana.

4. Por exemplo, Susana Bleil de Souza, minha professora de história da América, sempre pesquisou, por exemplo, sobre o contrabando na fronteira sul do Brasil. As professoras da USP, as fundadoras e principais entusiastas da “história da América” no Brasil, Maria Helena Rolim Capelatto e Maria Lígia Prado, pesquisaram em suas dissertações e teses sobre a imprensa paulista e o partido democrático paulista, respectivamente. A professora titular de história da América da UFRJ, Maria Eulália Lobo, foi uma exceção, sua tese de doutorado versava sobre a administração colonial luso-espanhola nas Américas, uma comparação entre os impérios coloniais português e espanhol. A outra professora de História da América da UFRGS, Heloisa Reichel fez dissertação de Mestrado sobre a indústria têxtil gaúcha e tese de doutorado sobre “o capitalismo em Buenos Aires”, mas isso já foi em 1989. Isso não desmerece de maneira alguma os pilares e fundadores (as) da historiografia latino-americanista que deram grande contribuição ao desenvolvimento das pesquisas sobre o tema. Entretanto, demonstra como foi difícil transitar da docência sobre América Latina para a atividade de pesquisa, e que isso só foi possível a partir da década de 1980 com a consolidação dos programas de pós-graduação no Brasil.

5. O sistema de pós-graduação brasileiro foi regulamentado a partir do parecer 977 do Conselho Federal de Educação em 1965 e apenas em meados dos anos 1970 foi criado o sistema de avaliação da pós-graduação pela CAPES.

Bibliografia

- AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio. *América Latina História y Presente*. Morelia: Red Utopia, 2001.
- ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática, 1989.
- AURELL, Jaume. *Textos autobiográficos como fontes historiográficas: relendo Fernand Braudel e Anne Kriegel*. Revista História (São Paulo) v. 33, n. 1, p. 340-364, jan./jun. 2014. (p. 348).
- BENJAMIN, Walter. *O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. *L'illusion biographique*. Actes de la Recherche en Sciences Sociales (62/63):69-72, juin 1986
- BRAUDEL, Fernand. *Personal Testimony*. Journal of Modern History, n. 44, p. 448-467, 1972.
- CASTAÑEDA, Jorge G. *Utopia Desarmada. Intrigas, dilemas e promessas da esquerda latino-americana*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.
- CUEVA, Agustín (org). *Tempos Conservadores*. São Paulo: Hucitec, 1989.
- CUEVA, Agustín. *El desarrollo del capitalismo en América Latina*. México, Siglo XXI, 1977.
- DEVÉS VALDÉS, Eduardo. *El pensamiento latinoamericano en el siglo XX, Desde la Cepal al neoliberalismo (1950-1990)*. Buenos Aires: Biblos, 2003.
- GELLNER, Ernest. *Nações e nacionalismo. Trajectos*. Lisboa: Gradiva, 1993.
- HALPERIN DONGHI, Tulio. *História da América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- HOBBSBAWM, Eric. *Nações e nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- SARMIENTO, Domingos. Faustino. *"Facundo o Civilización y Barbarie"*. Buenos Aires: Editorial Sopena, 1952, 5 ed. Primeira edição de 1845.
- SIRINELLI, Jean François. *Os intelectuais*. IN: RÉMOND, René. Por uma história política. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ/FGV, 1996, p. 231-239.
- WILLIAMS, Raymond. *A Fração Bloomsbury*. In Plural; Sociologia, USP, São Paulo, 6: 139-168, 1 sem. 1999.